

GT 3: JUVENTUDE E PROJETO DE VIDA

O GT receberá trabalhos que tenham por objetivo discutir os significados compartilhados relativos às contribuições da escolarização e da formação para o mundo do trabalho no que concerne às expectativas pessoais dos jovens quanto ao futuro; as estratégias que envolvem a transição para a vida adulta; Valores, crenças e costumes e sua relevância na construção de projetos pessoais de médio e longo prazos; O impacto dos contextos de vida dos jovens na construção da identidade e os desdobramentos relativos aos aspectos que compõem seu projeto de vida; Imprevisibilidade, comportamento de risco e perspectivas de vida; Debates acerca das temáticas empreendedorismo e protagonismo juvenil; Variáveis socioeconômicas, estruturas de oportunidade e perspectivas de futuro das juventudes latinoamericanas.

Coordenação: Rosane Castilho

[Universidade Estadual de Goiás | Observatório Juventudes na Contemporaneidade – Goiás]

JUVENTUDE E PROJETO DE VIDA: POSSIBILIDADES DE VIVÊNCIAS NO CURRÍCULO DE UMA ESCOLA CONFSSIONAL CATÓLICA

Aline Ferreira

Mestra em Educação

linegferreira@hotmail.com

Jonathan Félix

Mestrando em Ciências da Religião

jonathanfelixadm@gmail.com

Peterson Fernandes

Doutor em Educação

peterston.jose@uol.com.br

Resumo: Crianças e jovens são sujeitos históricos e sociais que atuam na produção do meio em que vivem. Diante dessa constatação, urge assumirmos uma visão que compreenda a criança, a/o adolescente e a/o jovem em sua integralidade, considerando-as/os como sujeitos da aprendizagem. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, destaca o seu compromisso com a educação integral. Nesse sentido, a BNCC reconhece que a Educação Básica deve ter como objetivo a formação e o desenvolvimento humano global, “[...] o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva” (BRASIL, 2017, p.14). A partir da inserção do espaçotempo curricular nomeado como “Projeto de vida” no contexto dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma escola confessional católica, o presente trabalho busca analisar como o currículo escolar pode ser espaçotempo de conexão com as juventudes, permitindo-lhes que trabalhem as diversas dimensões da própria vida (intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica) por meio da relação consigo, com o outro e com o mundo, fomentando suas reflexões acerca de como e em que contexto irão construir seus projetos de futuro e, assim, ampliar as possibilidades de concretude e realização desses planejamentos. Para tal, é preciso compreender que os projetos de vida, bem como a sua construção, não são isentos de sentidos e são carregados de valores (NILSON¹ MACHADO, 2004) (MARIA ZENAIDE ALVES, JUAREZ DAYRELL, 2015). Assim, os sujeitos que conduzem os projetos transmitem aos planejamentos a forma como concebe o mundo, as relações, os anseios e desejos em relação ao campo em que o projeto está inserido. Desse modo, compreende-se que os projetos de vida baseiam-se nas próprias biografias dos sujeitos. É importante destacar que os indivíduos não são determinados por suas biografias, mas, de certo modo, constroem e projetam o futuro baseados em seus anseios, desejos e história vivida até aquele momento (ALVES, DAYRELL, 2015). Trata-se, pois, de uma dinâmica que está intimamente conectada à construção da identidade, visto que é dinâmico e

1 É importante destacar que o modo como citamos pela primeira vez as/os autoras/es não segue a norma padrão de escrita dos textos acadêmicos. Por meio de um posicionamento teórico e político, buscamos visibilizar mulheres e homens a quem nos referimos. Dessa forma, a primeira vez que cada autora/autor for citada/o, essa/e terá o primeiro e o último nome na referência. As demais citações dessas/es mesmas/os autoras/es, no decorrer do texto, serão realizadas de acordo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do sujeito, dando a ele novos sentidos e significados para as práticas diárias.

Palavras-chave: “Projeto de Vida”, Currículo, Juventudes.

1 - CURRÍCULO, JUVENTUDES E CONTEMPORANEIDADE: PONTOS DE DESCONEXÃO E CONEXÃO

O currículo vivenciado hoje pela grande maioria das escolas brasileiras, centrado numa ideia de razão subjetiva (centrada na pessoa), digna de confiança e fonte de emancipação e liberdade do ser humano, foi forjado no contexto do movimento iluminista. A escolarização, fundamentada nessa razão e no acesso ao conhecimento científico, é a principal responsável pelo aperfeiçoamento da natureza humana, no que tange ao desenvolvimento de indivíduos eficientes e eficazes, capazes de contribuir com o aumento da produtividade da sociedade.

Um resultado dessa realidade: a subordinação dos currículos escolares ao progresso técnico e econômico e sua consequente limitação à dimensão cognitiva, o que tem comprometido a capacidade de reflexão, pois, reduz o conhecimento a conteúdos e procedimentos técnicos que devem estar a serviço de uma produção que garantirá prosperidade científica e econômica para a sociedade. Nesse modelo de educação, os conteúdos produzidos pelas Ciências, no contexto do Iluminismo e da Revolução Industrial, são compreendidos como as únicas referências, porque ao longo da história, consolidou-se como o “[...] paradigma de conhecimento claro e seguro. A racionalidade científica torna-se o padrão do conhecimento que, associada à dimensão da utilidade, agrega poder ao conhecimento” (PEDRO GOERGEN, 2001, p.17).

Essa abordagem procura “[...] planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência” (DERMEVAL SAVIANI, 2001, p. 12), por isso da necessidade de tornar o ensino o mais objetivo e operacional possível. Esse modelo apresenta diversos resultados comprometedores, um deles, diz respeito à “[...] incapacidade de resolver adequadamente as complexas questões implicadas na educação, especialmente as que dizem respeito à formação e constituição dos sujeitos nas e pelas suas interações sociais” (JOSÉ PEDRO BOUFLEUER, 2001, p.17).

Esse currículo, focado apenas no resultado e na técnica, ou seja, partindo do pressuposto da neutralidade científica e nos princípios da eficiência e produtividade, não é suficientemente viável para se trabalhar as questões das sociedades atuais, pois, como aponta Margarita Sgro (2004, p.92), as sociedades modernas:

[...] aceleram os processos de transformação social, e portanto, a integração depende, cada vez menos, da assimilação mecânica de conhecimentos e, cada vez mais, de capacidade de interpretação do mundo produzidas sobre o cenário de uma cultura que já oferece interpretações coletivas, mutáveis e sujeitas a permanentes processos

de re-interpretação, os quais requerem do sujeito uma atividade que não se reduz à assimilação e à repetição de conhecimentos, mas que também os compreende (SGRO, 2004, p.92).

Nesse sentido, contamos, ainda hoje, com currículos escolares que, em grande parte das vezes, são tecnicistas e que pouco dialogam com os sujeitos que ali transitam. Dayrell (2009) afirma que a educação tem passado por dilemas e que podem ser chamados de crise da legitimidade da escola. Tem-se tentado denunciar a situação de incongruência entre o que a sociedade, de um modo mais amplo, espera da escola e o que a escola tem sido capaz de oferecer à sociedade. Esse forte ponto de tensão também é evidenciado nas percepções de estudantes acerca dos processos vivenciados nas instituições escolares. Segundo Dayrell (2007), elas/es criticam o currículo escolar sob a alegação de ser distante das realidades que vivem e que pouco se relaciona com as vidas cotidianas dessas/es jovens.

Desse modo, em certa medida, prioriza-se a dimensão cognitiva em detrimento de outras dimensões que proporcionam uma relação mais direta com as vidas dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem. Para grande parte das/os professoras/es e também das/os pesquisadoras/es, a/o jovem que frequenta a escola é entendida/o apenas na sua dimensão de estudante, assim, o ser aluna/o é concebido como natural, inerente a ela/e. Fatores importantes, que também constituem os sujeitos, como: origem social, gênero, etnia, entre outras dimensões não são levados em consideração e assim “constroem a vida do aluno fora da escola como um tempo vazio de sentido, um não tempo” (GERALDO LEÃO, JUAREZ DAYRELL, JULIANA REIS, 2011, p.1068).

A partir dessa desconexão entre as culturas juvenis e currículos escolares que reduzem a formação à perspectiva cognitivista, pouco se entende sobre os sujeitos que frequentam a escola em suas múltiplas dimensões, demandas e expectativas. Tentar compreender as culturas, a condição juvenil, o que se passa na instituição escolar e no seu entorno, pode ser um passo para refletir sobre esse desencaixe presente entre o desejo dos/as jovens e o que o currículo escolar oferece como possibilidade educacional. O Projeto de Vida pode ser um relevante ponto de partida para iniciarmos um diálogo que equilibre as dimensões cognitivas e socioemocionais no currículo. Desse modo, no próximo tópico trabalharemos o currículo confessional como uma possibilidade de construção de sentidos abertos. O Projeto de vida, nesse contexto, pode ser um importante ponto de conexão entre o currículo escolar e os sujeitos que nele habitam.

2 - EDUCAÇÃO CONFSSIONAL CATÓLICA: UMA POSSIBILIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS ABERTOS A PARTIR DO PROJETO DE VIDA NO CURRÍCULO

Trataremos especificamente nessa comunicação da experiência educacional promovida pela Igreja Católica. Para ela, a escola é espaço privilegiado de evangelização, e, por isso, a chama de comunidade evangelizadora. Ela é um espaço que potencializa o acompanhamento

e o desenvolvimento integral das/os estudantes, tendo o papel de atuar com obras e gestos, entrando cotidianamente na vida uns dos outros e encurtando as distâncias. (EG 24) No Documento de Aparecida, os bispos afirmaram que a educação humaniza e colabora para que as/os estudantes desenvolvam plenamente seu pensamento e sua liberdade, pois “o ser humano humaniza seu mundo, produz cultura, transforma a sociedade e constrói a história.” (DA 330).

Depois da eleição do Papa Francisco, o Pontífice convidou toda a Igreja a se colocar em saída e estar de portas abertas (EG 46), (re) pensando seus processos, linguagens e atuação na transformação da sociedade. A escola confessional, como Igreja, é convidada a ser uma Escola em Saída, compreendendo esse espaço privilegiado de formação humana, onde as/os estudantes produzem cultura, transformam a sociedade e constroem a sua própria história. A educação é um processo que prepara o indivíduo para o mundo, a palavra “educar”, vem do latim *educere*, verbo composto do prefixo *ex* (fora) mais *ducere* (conduzir, levar).

Paulo Soares (2019) propõe uma metáfora para pensar a missão educativa, fazendo um paralelo entre a escola e o GPS, onde a missão educativa tem como proposta ajudar a/o estudante a situar-se no tempo e no espaço, a buscar destinos, e a definir rotas. Um exercício de estimular o protagonismo e a consciência crítica “capaz de estimular para a busca de sentido e de um destino que conduza a felicidade, mesmo que passe por medos, frustrações em necessidade de recalcular a rota traçada” (p. 19).

Esse exercício de estimular o protagonismo e a consciência crítica, durante o Sínodo (2019) foi interpretado como uma pedagogia capaz de interpelar e escutar, um processo inspirado na passagem bíblica dos discípulos de Emaús, onde Jesus, como mestre (o educador), caminha lado a lado e pergunta “O que andais conversando pelo caminho?” (Lc 24, 17).

Em seu discurso na Vigília de oração com as/os jovens das dioceses de Roma e de Lácio, em preparação para a Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco convida as juventudes a pensar a própria vida no horizonte da missão:

Muitas vezes, na vida, perdemos tempo a questionar-nos: «Quem sou eu?» E podes passar a vida inteira a questionar-te quem és, procurando saber quem és. Mas a pergunta que deves pôr-te é esta: «Para quem sou eu?» Como Nossa Senhora, que foi capaz de questionar-Se: «Para quem, para qual pessoa sou eu, neste momento? Para a minha prima». E partiu. Para quem sou eu; e não: Quem eu sou (FRANCISCO, 2017).

A fala do Pontífice orienta os processos educacionais com os/as jovens, para que a missão educativa possibilite às juventudes reflexões acerca da própria existência. A partir desse movimento tem-se a perspectiva de que elas assumam escolhas de vida pautadas no horizonte libertador do dom de si mesmo, caminho que deve ser feito pela indagação “para quem eu sou”. Descobrindo sua relação consigo mesmo, com o outro e com a sociedade.

O projeto de vida no currículo escolar é opção política e pedagógica da escola confessional católica, que, inspirada na pedagogia de Jesus, reafirma seu papel de educar para a vida em sociedade.

3 - O PROJETO DE VIDA NO CURRÍCULO DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA CONFENSIONAL CATÓLICA DE BELO HORIZONTE

Trabalhamos diferentes aspectos do currículo na contemporaneidade, bem como as demandas de conexão, desconexão e possibilidades de construção de sentidos abertos. Nesse sentido, faz-se necessário compreender como tais questões possuem implicações vivenciadas no Projeto de Vida. Assim, o objetivo deste tópico é refletir as dimensões práticas das experiências propostas do Projeto de vida no espaçotempo curricular.

Buscamos inspiração em alguns princípios metodológicos trabalhados no Marco Referencial Pastoral Juvenil Marista para escrever o Projeto de vida. Os caminhos percorridos nesta proposta considera a importância da formação integral das/os jovens estudantes maristas. Nesse sentido, a proposta foi orientada de modo mais específico em três eixos temáticos: “Relação consigo mesmo”, “Relação com o grupo” e “Relação com a sociedade”. Sendo assim, as/os jovens vivenciaram construções que partiram da relação que elas/es possuem consigo, com o grupo e a sociedade. Ou seja, trabalhamos temáticas que envolvem o “eu”, o “outro” e o “nós” (UBEE, UNBEC, 2008).

A referência metodológica utilizada propõe que o percurso caminhe em alguns pontos específicos, a saber: ver, iluminar, agir, avaliar, celebrar. A partir de cada momento vivenciamos caminhos que formaram um percurso que priorizou as experiências das/os jovens. Para isso, o método partiu da realidade, suscitando uma compreensão social da experiência, iluminando as ideias com teorias e práticas, o que proporcionou o planejamento das ações, avaliação da caminhada e a realização de momentos festivos de celebração.

O primeiro passo metodológico utilizado foi o “ver”. Nessa parada as/os jovens são convidadas/os a observar as questões internas e as dimensões a sua volta. Desse modo, elas/es observaram, perceberam como as temáticas são trabalhadas considerando os caminhos percorridos até aqui para então analisar sob quais lentes determinado fenômeno está sendo visto.

O segundo verbo proposto é o “iluminar”. Com ele pode-se trazer as reflexões teóricas ou práticas para ajudar a desenvolver as ações que posteriormente serão tomadas. O procedimento que está ligado ao “iluminar” é diretamente relacionado à trazer luz para as ideias e, assim, iluminar os pensamentos e consequentemente as ações.

O terceiro passo está compreendido dentro da perspectiva do “agir”. Depois de perceber as questões dentro de si, do grupo e da sociedade, as/os jovens analisaram essas dimensões e trabalharam a fim de construir caminhos a serem trilhados. Nessa etapa as/os jovens

experimentaram as vivências buscando a construção de conceitos e temáticas como protagonistas do processo.

O quarto momento metodológico é a avaliação. Essa etapa pressupõe a revisão das vivências, caminhos e planejamentos realizados. Desse modo, o exercício de avaliar contribui com a ação de olhar o caminho percorrido com atitude de esperança, para aprender com os erros e limites e se fortalecer com os avanços e as possibilidades de aprendizado. Esse momento requer uma análise do que passou juntamente com a projeção do que está por vir. Assim há o apontamento de lacunas e a perspectiva de novas possibilidades.

Por fim, o verbo “celebrar” nos mostra alguns arranjos metodológicos importantes ao longo da caminhada com as/os jovens. Podemos perceber duas dimensões desse momento, sendo a primeira delas a compreensão de como celebrar em grupo pode contribuir para alimentar a esperança e fortalecer os sujeitos para enfrentar os desafios cotidianos. Assim, celebra-se, sobretudo, para fortalecer as/os jovens envolvidas/os no processo, bem como para tornar visíveis as alegrias e as pequenas vitórias conquistadas. A segunda dimensão no momento “celebrar” nos indica a importância de demarcar as vivências por meio de ritos de passagens, pois, eles “marcam a passagem de um status social, cultural, religioso ou psicológico para outro. São uma forma de reconhecer que a pessoa alcançou outro nível de maturidade” (UBEE, UNBEC, 2008, p.38). Sendo assim, eles marcam simbolicamente que a/o adolescente alcançou um determinado nível e está pronto para construir novos conhecimentos.

Os símbolos são construídos por alguns marcadores que fazem parte de um “Relicário de vivências”. O relicário, de acordo com os dicionários, é um lugar onde são guardados objetos, sentimentos de grande valor simbólico. O relicário proposto é construído a partir de vivências significativas que as/os jovens têm ao longo do processo. Nesse sentido, o relicário é construído de diferentes formas e pode conter, por exemplo, uma caixa com fotografias, textos, relatos, imagens, objetos dos encontros realizados. Assim, as/os estudantes constroem um relicário com marcas simbólicas dos processos vivenciados ao longo do ano. A proposta é construir o Relicário ao longo das vivências do projeto em todos os Anos Finais do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º ano). Nesse sentido, as/os jovens podem guardar, no Relicário, diferentes registros e podem abrir em momentos específicos das vivências.

Por compreender que o processo da construção do Projeto de Vida é autoral e relacional, optamos por desenvolver uma autoavaliação dialogada com as/os estudantes. Assim, descrevemos os itens a serem avaliados e elas/es pontuam de acordo com o que vivenciaram na etapa. É importante destacar que a autoavaliação é sempre dialogada, ou seja, as/os mediadoras/es podem confrontar a/o estudante acerca da sua postura e refletir sobre a relação da nota atribuída e da nota considerada. A participação das/os jovens nos encontros é avaliada em 2 pontos por etapa em todos os componentes curriculares. A dimensão da espiritualidade é trabalhada nos três eixos - eu, o outro e nós - e na construção do Relicário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto contemporâneo apresenta diversos desafios para a escola. Nesse trabalho, discutimos mais especificamente sobre um: a supremacia de um currículo unidimensional, centrado na dimensão cognitiva, em detrimento de uma abordagem mais integrada e integradora do ser humano, em especial, das juventudes. Nesse horizonte, se considerarmos os elementos constituintes da escola confessional católica, ela se configura como uma real possibilidade de superação dessa realidade.

O presente artigo refletiu sobre esses apontamentos e apresentou uma possibilidade de construção de espaçotempo no contexto do currículo de uma escola confessional católica, de resgate da centralidade da pessoa e de suas relações no processo educacional escolar, ou seja, a superação de um “currículo escolar do ser humano, porém, sem o ser humano”, tão recorrente hodiernamente. Esse processo efetivou-se por meio da implantação de momentos curriculares dedicados à reflexão e construção de Projetos de Vida por parte das/os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

Esses momentos privilegiaram encontros nos quais as/os estudantes puderam ter tempo de se encontrar consigo mesmas/os; conhecer e/ou tomar consciência das relações e influências do ambiente no qual estão inseridos; dedicar tempo para cuidar de si e de seus sonhos; conhecer e reconhecer as experiências, sonhos e histórias das/os amigas/os de sala; perceber-se dentro de um universo de relações que perpassam o seu projeto de vida, identificando como co-autor/a de uma história em sociedade. Cabe destacar a implantação da autoavaliação e a avaliação dialogada, o que permitiu à/ao estudante perceber-se co-responsável pela construção do seu projeto de vida, ajudando-as/os a se retirarem da condição passiva de “estudantes avaliadas/os” para a condição de críticas/os de seu empenho nesta jornada.

É importante citar textualmente como duas estudantes avaliam sua trajetória dentro do projeto de vida. Uma afirma que “No Mural dos Sonhos e Fatos sobre mim [duas atividades realizadas durante os encontros], me encontrei na atividade e me descobri” (6º Ano); já outra, diz que “O projeto de vida me ajudou a me conhecer melhor, a identificar melhor meus objetivos. Sinto que ocorreu em mim um crescimento socioemocional.” (8ª Ano).

A partir desses relatos pode-se afirmar a relevância da implantação do Projeto de Vida no currículo para que a escola, sobretudo a confessional católica, cumpra sua missão educativa de formar seres humanos com as competências necessárias e suficientes para uma vivência mais sustentável nas sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. **Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 41, n. 02, p. 375-390, abr./jun. 2015.
- BOUFLEUR, José Pedro. **Pedagogia da Ação Comunicativa: Uma leitura de Habermas**. Ijuí: Unijuí, 2001.

CELAM. **“Vão e ensinem”**: Identidade e missão da escola católica na mudança de época, à luz de **Aparecida**. Ediciones SM, 2011.

DAYRELL, Juarez. **As escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação e Sociedade, v. 28, 2007, p. 1105-1128.

DAYRELL, Juarez. Uma diversidade de sujeitos. O aluno do Ensino Médio: o jovem desconhecido. In: **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. Salto para o futuro**. Ano XIX boletim 18 – Nov. 2009, p. 16-23.

DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, Ética e Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a Alegria do Evangelho**. (Documento Pontifícios 17). Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre na Vigília de oração com os jovens das dioceses de Roma e do Lácio, em preparação para a Jornada Mundial da Juventude**. Basílica de Santa Maria Maior, 8 de abril de 2017. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/pa-pa-francesco_20170408_veglia-preparazione-gmg.html>. Acesso em 26 de jun. 2019

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio e REIS, Juliana Batista dos. **Jovens Olhares sobre a escola do ensino médio**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 253-273, maio-ago. 2011a. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em abril de 2013.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2004.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**: Polêmicas do nosso tempo. 34ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001.

SGRO, Margarita. **Condições de possibilidade de uma Teoria Crítica de Educação**. 2004. 118f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

SOARES, Paulo. A escola e o GPS, uma metáfora para pensar a missão educativa. IN: FERREIRA, Aline Gonçalves; MOREIRA, Eliane Silva; SOUZA, Jonathan Felix de. **Almanaque Juvenil de Educação: práticas pedagógicas de educação para a paz**. Belo Horizonte: Promove, 2019.

UBEE/UNBEC. Província Marista Centro-Norte. **Pastoral Juvenil Marista: marco referencial**/ Taguatinga, 2008.

A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E PROJETOS DE VIDA DE JOVENS SOCIALMENTE DESFAVORECIDAS

Glória Cristina Pereira Gomides
Mestranda em Educação Tecnológica
CEFET-MG - gcgomes25@yahoo.com.br

Raquel Quirino
Professora do PPG em Educação Tecnológica no CEFET-MG
quirinoraquel@hotmail.com

Resumo: Em todo o mundo, bem como na atualidade brasileira, a juventude se apresenta como um dos temas mais desafiadores no contexto das pautas das políticas públicas para o desenvolvimento social. No Brasil, jovens pertencentes às classes menos abastadas sofrem com as desigualdades sociais sendo dificultado o seu acesso a recursos materiais e subjetivos, a uma educação básica e profissional de qualidade e a oportunidades no mundo do trabalho. A situação de vulnerabilidade econômica e social sofrida por essa categoria geracional vincula-se também à violência, à exclusão social e à dificuldade de acesso à segurança, à saúde, à cultura e ao lazer. Em se tratando de jovens mulheres, os desafios tornam-se ainda maiores. As oportunidades de estudo, trabalho e ascensão na carreira disponíveis a elas não são as mesmas ofertadas aos jovens homens. Evidencia-se também nesse contexto o abandono da escola sem a conclusão da educação básica, um baixo número de matriculadas em cursos profissionalizantes, bem como gravidez precoce, dedicação ao trabalho doméstico e cuidados com os irmãos mais novos, ou atuando em profissões precarizadas e em atividades informais. Destarte, o presente estudo apresenta uma revisão da literatura acerca da divisão sexual do trabalho e suas influências em projetos de vida de jovens e adolescentes socialmente desfavorecidos. Como parte de uma pesquisa ainda em fase inicial tendo como sujeitos alunas do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG, a partir de um levantamento realizado no Banco de Periódicos e de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando-se as palavras-chaves: (i) juventudes e vulnerabilidades, (ii) projetos de vida de juventude e (iii) divisão sexual do trabalho, alguns conceitos são apresentados e discutidos. Tendo como base as produções de Dayrell (2007), Dayrell e Jesus (2016), Velho (2003), Avelar (2013); Abramovay et.al (2002), Aquino (2009), Jeloás, Paulilo e Capelo (2013), dentre outros, os temas “juventudes” e “juventudes socialmente desfavorecidas” são apresentados e discutidos. Na perspectiva da divisão sexual do trabalho, os aportes teóricos tratados são consubstanciados à luz das pesquisas de Hirata e Kérgeat (1994), Quirino (2011 e 2015), Muraro (2002), Beauvoir (2016), Yannoulas (2003), Marcondes (2013), dentre outras. Os trabalhos analisados possibilitam uma aproximação do objeto de estudo a partir de uma revisão da literatura sobre as temáticas em escrutínio.

Palavras-chave: Juventudes; juventude socialmente desfavorecida.

INTRODUÇÃO

Na atualidade brasileira, assim como em todo o mundo, muitos estudos e pesquisas tem sido realizados sobre a juventude, nos aspectos mais diversos, considerando-se a relevância e importância do tema no contexto das pautas das políticas públicas de desenvolvimento social e as constantes informações e transformações tecnológicas vivenciados pela

sociedade. No entanto, é importante considerar que a condição de juventude não é a mesma vivida por todos os jovens, uma vez que esta categoria sociológica é influenciada pelas situações econômicas e pelos padrões de cultura reproduzidos pela sociedade.

Destarte, as situações de vulnerabilidade vivenciadas pelas jovens mulheres nas relações sociais de trabalho tornam-se ainda maiores, haja vista que as oportunidades de estudo, trabalho e ascensão na carreira disponíveis a elas não são as mesmas ofertadas aos jovens homens. Evidencia-se, nesse contexto de vulnerabilidades, dentre outras situações, um abandono da escola sem a conclusão da educação básica, um baixo número de matriculadas em cursos profissionalizantes, bem como gravidez precoce, dedicação ao trabalho doméstico e cuidados com os irmãos mais novos, ou atuando em profissões precarizadas e em atividades informais.

Assim sendo, este artigo apresenta as inferências de alguns autores da temática de juventudes e vulnerabilidades e projetos de vida de juventudes, a partir de um levantamento bibliográfico realizado no Banco de Periódicos e de Teses e Dissertações da CAPES¹ e de documentos que corroboram com a mesma discussão. Por meio de revisão da literatura acerca da divisão sexual do trabalho e suas influências em projetos de vida de jovens e adolescentes socialmente desfavorecidas, objetiva-se trazer ao debate a questão da vulnerabilidade substanciada nas relações sociais de sexo/gênero.

Embora a categoria geracional juventudes seja objeto de inúmeros estudos, segundo o levantamento realizado no Banco de Periódicos e de Teses e Dissertações da CAPES, um ineditismo nas produções acadêmicas com as temáticas juventudes e vulnerabilidades, projetos de vida e educação, com enfoque nas relações sociais de sexo no contexto da educação profissional e tecnológica e do trabalho. Dito isso, foram necessárias as combinações de várias palavras-chave para a obtenção de trabalhos produzidos e aproximação dos temas no Banco de Periódicos da CAPES, sendo os que apresentaram maior resultado: jovens; trabalho, ensino médio e jovens; trabalho e gênero. Quanto ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES, as buscas apresentaram diversas produções que apenas aproximaram-se do objeto no contexto da educação, dos tipos de juventudes e de condições juvenis.

JUVENTUDES E VULNERABILIDADES: BREVES APROXIMAÇÕES

Jeloás, Paulilo e Capelo (2013) definem a juventude como uma categoria sócio-histórica, imersa num processo de construção que pode variar de acordo com o tempo e com a sociedade. Existem muitas juventudes e muitos grupos juvenis que constroem diversas formas de pertencimento e é impossível evidenciar jovens sem considerar a classe social, as condições nos quais se inserem e a diversidade juvenil. E complementam:

1 Banco de Periódicos da CAPES disponível em: atologodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/. Acesso em: 28 fev. 2019 – 10 abr. 2019.

A situação de classe encontra-se atravessada pelos pertencimentos étnico-culturais e revela as condições objetivas que marcam as subjetividades juvenis: desde o local de moradia, o estudo, o trabalho, as rotinas, ou seja, as práticas e as representações que caracterizam os grupos juvenis. A diversidade juvenil aparece na raça/etnia, religiosidades, gostos, estilos, gênero, manifestações culturais, espacialidades e numa multiplicidade de situações que marcam os jovens em suas diferenças e desigualdades (JELOÁS; PAULILO; CAPELO, 2013, p. 13).

Em vista disso, Aquino (2009, p. 31) salienta que o emprego da expressão juventudes é usado para evidenciar “grupo etário que partilha várias experiências comuns, subsiste uma pluralidade de situações que confere diversidade às demandas e necessidades dos jovens”, derivada da combinação das várias dimensões socioeconômicas.

Destarte, Aquino (2009) pontua que a condição de juventude vivida entre os jovens apresenta-se de forma desigual e diversificada, influenciada pelas situações econômicas, padrões de discriminação e preconceitos que impactam nas oportunidades no âmbito de cada um. Nesse sentido, é importante considerar as diferentes demandas e necessidades dos jovens brasileiros, no que se refere à promoção e garantia do bem-estar e a integração social para que os direitos sejam alcançados com equidade e efetividade.

A vulnerabilidade social, segundo Abramovay *et al* (2002), é resultado negativo entre os recursos materiais ou simbólicos disponíveis e o acesso as oportunidades sociais, econômicas e culturais advindos do Estado, do mercado e da sociedade. A situação de vulnerabilidade social agravada pelas instabilidades econômicas de diversos países, suscita tensões entre os jovens, fomentando o aumento da violência e da criminalidade. Abramovay *et al* (2002, p. 14) ressaltam que a violência está atrelada à pobreza, não como consequência, mas resultante das desigualdades sociais, pela “negação do direito ao acesso a bens e equipamentos de lazer, esporte e cultura”, o que desencadeia comportamentos violentos num determinado grupo social.

Ainda segundo Abramovay *et al* (2002), a violência atingida e praticada por jovens vincula-se à condição de vulnerabilidade a que estão expostos. Isto posto, se os recursos disponíveis do Estado e do mercado são insuficientes para promover a superação da vulnerabilidade e de suas consequências, particularmente a violência, importante fomentar a participação dos jovens como estratégia para busca da solução de problemas.

Assim sendo, Dias e Freire (2002) evidenciam a discriminação como a adoção prática e a naturalização de uma conduta que viole os direitos das pessoas fundamentando-se em critérios injustificados e injustos, tais como raça, sexo, idade, religião. A discriminação é entendida como a exteriorização e materialização do racismo, do preconceito e do uso de estereótipos.

Dayrell e Jesus (2016) em pesquisa nos anos de 2012 e 2013 com jovens adolescentes de 15 e 17 anos cursando ensino médio no Brasil, evidenciaram dentre outras múltiplas variáveis que interferem as trajetórias escolares e as possíveis causas de exclusão escolar desses sujeitos, que a discriminação racial é uma das principais barreiras a serem enfrentadas tanto para o acesso quanto para permanência na vida escolar.

Dayrell (2007) complementa que a escola ao se abrir para receber esse público, ainda não se reestruturou para criar diálogos com os sujeitos e sua realidade.

Quando se trata de jovens pobres, ainda mais se forem negros, há uma vinculação à ideia do risco e da violência, tornando-os uma “classe perigosa”. [...] A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta (DAYRELL, 2007, p. 1117).

Por sua vez, estudo realizado pelo IBGE (2017) com o objetivo de quantificar o número de pessoas entre 14 a 29 anos de idade que não frequentavam escola, segundo o sexo, aponta que as mulheres interrompem os estudos: 30,5% para trabalhar, 26,1% para ter que cuidar dos afazeres domésticos ou de crianças, adolescente, idosos ou pessoas com necessidades especiais e 14,9% por não terem interesse. Ressalta-se que, no mesmo período, a proporção de mulheres que interromperam os estudos para cuidar de afazeres domésticos ou de outras pessoas, em comparação à dos homens, foi 32,6 vezes superior, ou seja, 26,1% para elas e apenas 0,8% para eles.

Dessa forma, torna-se importante compreender a divisão sexual do trabalho que visa também desvelar as formas de vulnerabilidades de jovens socialmente desfavorecidas, levando-se em consideração as construções de identidades sociais e as reproduções de desigualdades de gênero.

PROJETOS DE VIDA DE JOVENS SOCIALMENTE DESFAVORECIDOS

Segundo Velho (2003), as trajetórias dos indivíduos se tornam consistentes a partir do momento em que elaboram seus projetos com objetivos específicos. A viabilidade de tais projetos dependerá da interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e do campo de possibilidades. Assim como os projetos mudam, as pessoas também mudam a partir de seus projetos. “A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põe em xeque todas as concepções de identidade social” (VELHO, 2003, p. 48).

Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1071) enfatizam que podemos entender por projeto de vida, toda ação do indivíduo na tentativa de “escolher um, entre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida”. Remete a um plano

de ação proposto a um determinado arco temporal em relação a uma esfera da vida – pessoal, profissional ou escolar.

Neste contexto, a OIT (2012) contrapõe a ideia de naturalização das desigualdades por meio do empoderamento. Empoderar-se significa romper com a vivência e reprodução naturalizada de formas de discriminação como a pobreza e as desigualdades de classe, gênero e raça, vislumbrando a possibilidade de superar tais situações. O processo de empoderamento de um grupo social se caracteriza pela forma de elaboração de projetos e planos de ação, a fim de se conseguir alcançar os objetivos e se constituir como um sujeito histórico.

Nesse sentido, o plano de ação proposto por cada indivíduo, seja na esfera profissional, escolar ou afetiva, depende de um campo de possibilidades, dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual o jovem está inserido e, de suas experiências, segundo Leão, Dayrell e Reis (2011). De acordo com o amadurecimento do próprio jovem e mudanças no seu campo de possibilidades, o projeto de vida se transforma.

Assim, Avelar (2013) completa que o indivíduo ao se apropriar da cultura enraizada e ao reelaborá-la, transforma as possibilidades em oportunidades e realizações. As materializações dos projetos dependerão das possibilidades – restritas ou amplas - e da relação destas com os indivíduos. Considerando um conjunto de transformações sociais e de incertezas vivenciadas a partir dos meados do século XX, os percursos nas trajetórias podem ser mais instáveis e representar um verdadeiro vaivém em suas vidas: abandono de estudos e retorno, empregos e desempregos.

Muitos estudantes abandonam os estudos para trabalhar, comprometendo, por muitas vezes, seu processo de formação e capacitação profissional. Assim, percebe-se uma defasagem do ensino formal frente às novas exigências de habilidades e conhecimentos, e isso tem constituído inequívoca fonte de vulnerabilidade (ABRAMOVAY et. al, 2002, p. 45).

Ainda conforme Abramo (2005), somente a partir dos anos 90 os jovens passaram a ter visibilidade, no entanto, vinculados à crise econômica e social materializada nas dificuldades de inserção no mercado de trabalho e nas ausências de perspectivas e oportunidades para a construção de projetos de vida. Assim, passaram a ser tema de notícias e das agendas públicas nas áreas de saúde e segurança. No entanto, o tema juventude passou a ser associado com a comportamentos de risco, no que tange ao uso abusivo de drogas e gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis e envolvimento com a violência, tanto como vítimas quanto autores.

Nesse contexto é preciso considerar que os jovens são sujeitos de direitos e para que seus projetos de vida possam ser materializados, são necessárias políticas públicas que possam lhes dar visibilidade, delimitação dos processos específicos que identifiquem os direitos que os singularizam e se diferenciam dos direitos definidos para outros segmentos, conforme conclui Abramo (2005).

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Conforme evidenciam Hirata e Kérgeat (1994), as relações sociais de trabalho traduzem um discurso majoritariamente masculino, pois os textos sobre a classe operária referem-se aos trabalhadores e não às trabalhadoras.

Nesse sentido, conforme Quirino (2015), ao se analisar a distribuição do trabalho entre homem e mulher constata-se que a repartição do trabalho assalariado (produtivo) ou do trabalho doméstico (reprodutivo), não se reduz apenas à complementação de tarefas ou de uma divisão desigual. Trata-se, acima de tudo, de uma tensão permanente entre os grupos de homens e mulheres, acerca da questão do trabalho e de suas divisões.

Ainda segundo Quirino (2015), a Divisão Sexual do Trabalho é uma categoria importante para compreender o processo de construção das práticas sociais envoltas pelas construções de gênero, a partir de uma base material: o trabalho. Destarte, objetiva-se investigar e compreender a subordinação das mulheres e a diferenciação entre trabalho de homens e mulheres, presentes nas relações sociais e embutidas em uma relação hierárquica entre os sexos – uma relação de poder.

Pesquisas brasileiras têm divulgado que as maiores dificuldades para inserção no mercado de trabalho e para formação profissional apontam para a questão de gênero, segundo estudos de Hirata (2003). Ademais, as mulheres têm mais dificuldade de sair de uma situação de desemprego e quando conseguem, têm mais probabilidade de ocuparem trabalhos precarizados e não raras vezes menos qualificados, com menos oportunidades de promoção e ascensão na carreira.

Marcondes (2013), em sua obra, aborda que as mulheres, desde a infância até se tornarem idosas, cuidam de crianças, idosos, pessoas portadoras de deficiência e até mesmo de homens adultos. A autora completa que a existência social feminina é realizada na medida em que as mulheres cuidam e que, tanto o cuidado quanto a cuidadora são desvalorizados, apesar de ser uma atividade tão importante para a espécie humana.

As relações de trabalho estão imbricadas nas relações de gênero e, segundo Souza-Lobo (2011, p. 126), é presente a ideia nas sociedades da naturalização da divisão sexual dos papéis sociais. Assim, a autora completa que “aparentemente natural é que uns se ocupem da fábrica e outras da casa, isto é, que exista uma divisão sexual do trabalho desde sempre articulada às relações sociais e embutida nas práticas sociais”.

A grande maioria da PEA feminina continua vulnerável, uma vez que: recebem salários inferiores, estão mais sujeitas à perda do emprego, têm menos chances de qualificação profissional nas empresas, são preteridas nas oportunidades de promoção, e estão mais sujeitas a pressões e assédio sexual no âmbito de trabalho (YANNOULAS; GARCIA, 2003, p. 251).

Além da precarização no âmbito do trabalho é importante destacar a vulnerabilidade na questão da gravidez indesejada entre as jovens pobres. Nesse sentido, não se tem a pretensão de reproduzir neste trabalho o julgamento de valores e de estereótipos. Objetiva-se, na pesquisa, apenas apresentar algumas reflexões sobre as consequências da gravidez na adolescência no que se refere à materialidade do trabalho nas relações sociais. Logo, Yannoulas e Garcia (2003) ressaltam que tal acontecimento implica impactos na trajetória de vida, tais como: abandono escolar, maior tempo dispendido nos afazeres domésticos – o dobro – em relação ao tempo dedicado das jovens sem filhos, dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Quirino (2011) enfatiza que a concepção do senso comum de que é natural nas mulheres, a fragilidade, a dependência biológica materna, a emoção, a falta de racionalismo, as tornam inferiores na vida pública, aprisionando-as na esfera doméstica. A atividade doméstica não assalariada realizada na esfera reprodutiva é uma forma evidente de trabalho, mesmo sendo distinta daquela assumida pelo trabalho assalariado no mundo da reprodução.

No período medieval, a educação das mulheres era voltada para o ambiente doméstico e para a capacidade de agradar os homens. Muraro (2002, p.101), em sua obra, aborda que “a dicotomia público/privado começou a emergir de novo no início da Idade Média. Em geral, as mulheres fiavam, teciam, cuidavam dos animais e das hortas, enquanto os homens faziam o trabalho agrícola mais pesado e as guerras”.

Beauvoir (2016) em sua obra *O Segundo Sexo – Fatos e Mitos* observa que a mulher sempre foi escrava do homem e os dois sexos nunca compartilharam o mundo em igualdade de condições, haja vista que ela arca com um pesado handicap² até hoje, embora as condições tenham evoluído bastante.

Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta. Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxitos do que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam, na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes (BEAUVOIR, 2016, p. 17).

Assim, as lutas de classes e de sexos, segundo Quirino (2011), estão sempre presentes permanentemente na produção e reprodução, articulando-se em termos de oposição e de aliança. Toda a prática contra as formas de dominação e opressão é elemento de luta de classes, assim como as práticas das mulheres contra as formas de dominação e exploração e as formas sutis de poder que as envolvem, exprimem a luta dos sexos.

2 Handicap: “vantagem que, nas competições esportivas, um concorrente dá ao outro (RIOS, 2010, p. 275).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das constantes evoluções tecnológicas e sociais vividas pelas populações a partir de meados do século XX, especificamente, os tipos de juventudes que se apresentam são caracterizados pela sua condição juvenil que sofre influências econômicas e de reproduções culturais. Dito isso, considerando que as juventudes e muitos grupos juvenis constroem diversas formas de pertencimento é impossível evidenciar jovens sem considerar a classe social e as condições nos quais se inserem.

A vulnerabilidade social - entendida como o resultado negativo entre a disponibilidade dos recursos materiais e simbólicos e as oportunidades econômicas, sociais e culturais - está vinculada à pobreza, à violência e à criminalidade não como consequência, mas resultante das desigualdades sociais. A prática e naturalização das discriminações sociais de raça, gênero, sexo, idade por meio de critérios injustos e injustificados intensificam ainda mais as formas de materialização do racismo e do preconceito.

Como os projetos de vida para se concretizarem dependem também do campo de possibilidades no que se refere aos aspectos econômicos e culturais, os jovens socialmente desfavorecidos são as maiores vítimas, impactando nas oportunidades de trabalho e de formação profissional. Entretanto, cabe ressaltar que em se tratando de desafios, para as jovens mulheres desfavorecidas, eles se tornam ainda maiores em comparação com as situações vulneráveis vivenciadas pelos jovens homens.

Nesse sentido, várias questões sociais e reproduções das desigualdades interferem na trajetória das jovens em vulnerabilidade, tais como: gravidez precoce e abandono da escola sem conclusão da educação básica, duplas jornadas – estudo e afazeres domésticos e/ou cuidados de um ente familiar. No âmbito do trabalho, as distribuições de tarefas perpassam a perspectiva de gênero: condições de trabalho são mais precarizadas, dificuldades de ascensão no mercado de trabalho, de retomada ao emprego e de formação profissional.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; LEÓN, Oscar Dávila. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 19 – 35. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

AQUINO, Luseni. A juventude como foco das políticas públicas. *In*: CASTO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de; ANDRADE, Carla Coelho de. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Governo Federal. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Ipea - Instituto de

Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea, 2009. Introdução, p. 25-39. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5641. Acesso em: 24 maio 2019.

AVELAR, Christiane Pinheiro dos Reis Calil. **Projetos de vida e aspirações profissionais de jovens dos setores médios**. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/view-TrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=89518. Acesso em: 22 jun. 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 02 abr. 2018.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407- 423, abr. – jun. 2016. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/producao/producao-cientifica/>. Acesso em: 26 maio 2019.

DIAS, Jussara; FREIRE, Luciene (Orgs.). **Diversidade: avanço conceitual para a educação profissional e o trabalho – ensaios e reflexões**. Brasília: OIT, 2002. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_224250.pdf. Acesso em: 16 jun. 2019.

HIRATA, Helena. Tecnologia, formação profissional e relações de gênero no trabalho. **Educação & Tecnologia**, Curitiba, n.6, p.144-156, 2003. Disponível em <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1081/684>. Acesso em: 22 jun. 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. A classe operária tem dois sexos. **Estudos Feministas**, ano 02, 1º semestre 1994, p. 93-100. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16291/14832>. Acesso em: 23 jul. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam apenas o ensino fundamental completo**. Agência de notícias IBGE, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam- apenas-o-ensino-fundamental-completo.html>. Acesso em: 08 abr. 2018.

JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira; CAPELO, Maria Regina Clivati (Orgs.). **Juventudes, desigualdades e diversidades: estudos e pesquisas**. Livro eletrônico. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: http://www.uel.br/pos/ppgsoc/portal/pages/arquivos/juventude%20e%20desigualdade_digital.pdf. Acesso em: 28 maio 2019.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084. out.- dez. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/873/87321425009.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2018.

MARCONDES, Mariana Mazzini. O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho. In: YANNOULAS, Sílvia Cristina. **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Abaré Editorial, 2013. Segunda Parte, p. 251-280.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 8 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Manual de capacitação e informação sobre gênero, raça, pobreza e emprego**: módulo 5: organização e participação. Brasília: OIT, 2012. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_430966.pdf. Acesso em: 16 jun. 2019.

QUIRINO, Raquel. **Mineração também é lugar de mulher!** desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro. UFMG, 2011. 287f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Cap. 1 e 2, p. 47-107. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8NTGLQ>. Acesso em: 23 abr. 2018.

QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais em uma perspectiva marxista. **Trabalho e Educação**. v. 24. n. 2. maio-ago. 2015, p. 229-246. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9440>. Acesso em: 20 maio 2019.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Cap. 2, p. 31-48. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1064645/mod_folder/content/0/Textos%20-%20aula%2012/VELHO%2C%20Gilberto.%20Trajet%C3%B3ria%20individual%20e%20campo%20de%20possibilidades.%20%5BCap2%20em%20Projeto%20e%20metamorfose%5D.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 29 mar. 2018.

YANNOULAS, Sílvia Cristina; GARCIA, Cid. Diversidade no mundo do trabalho: tópicos para uma comparação de categorias. In: MEHEDFE, Carmen Guimarães; PRONKO, Marcela (Orgs.). **Diálogo social, harmonização e diversidade no mundo do trabalho**. Brasília: FLACSO, 2003. p. 226-267.

O PAPEL DO ADULTO NA ORIENTAÇÃO DOS JOVENS NOS TEMPOS ATUAIS

Jackson Câmara Silva
Mestrando em Teologia
FAJE

Resumo: A sociedade tem vivido após a segunda Guerra Mundial uma época comumente chamada de pós-modernidade. A velocidade e o volume de informação, a tecnologia, o individualismo, as novas formas de comunicação, a globalização e a rápida mutabilidade no cotidiano do homem caracterizam esse novo tempo. Diante disso, se o ser humano, muitas vezes, apresenta-se desorientado na tentativa de acompanhar o brusco e o rápido ritmo desta “mudança de época”, os jovens, por sua vez, não são excluídos dessa realidade. Os medos de morrer, de ser excluído e de não estar interligado com as novas maneiras de interagir com os outros somados às agitações e às inseguranças próprias de sua fase, fazem com que o jovem precise de um apoio. Dessa forma, este trabalho aborda a necessidade da orientação da juventude no contexto pós-moderno buscando mostrar a importância, os pressupostos, a metodologia e os protagonistas dessa orientação. Diante de uma sociedade plural onde a religião não é mais o centro, mas uma parte integrante da vida das pessoas, observam-se as várias dimensões onde se faz necessária essa orientação, sobretudo, na política, na sociedade, na cultura e na vida cristã.

Palavras-chave: Juventude. Adulto. Orientação. Pós-modernidade.

INTRODUÇÃO

A juventude na pós-modernidade tem sido discutido com frequência nos últimos anos, principalmente no Brasil, palco de grandes eventos internacionais do esporte, do mundo artístico e religioso, sobretudo a Jornada Mundial da Juventude em 2013.

Não bastasse os desafios enfrentados nessa “mudança de época” e a preocupação com os jovens a cerca da violência, dos novos meios de comunicação e dos novos modos de vida, urge a necessidade de apoiá-los, principalmente através da orientação por parte dos adultos.

Desta forma, levantaremos algumas questões acerca da figura do adulto na orientação dos jovens nos tempos atuais. Inicialmente explanaremos uma contextualização da pós-modernidade, elencando suas principais características. Em seguida, veremos como a juventude tem vivido nesta época, perpassando seus medos, inseguranças, dúvidas a fim de problematizar e de perceber a necessidade dessa orientação.

Por fim, será abordada a fundamentação da necessidade e importância da orientação por parte dos adultos aos jovens, destacando sua missão. Além disso, pressupostos como o diálogo e a interação com o mundo juvenil e novos métodos essenciais para a eficácia dessa tarefa serão também discutidos.

1. PÓS-MODERNIDADE: UMA MUDANÇA DE ÉPOCA

O mundo passa por profundas mudanças sociais, tecnológicas, culturais e comunicacionais desde o fim da segunda Guerra Mundial. A Modernidade, que trouxe para o homem autonomia, superação da uniformização, positividade de sua pessoa, o triunfo da razão e o progresso, vai saindo de cena. A técnica assume tal autonomia que a eficiência e o consumo sobrepõem aos valores éticos, proporcionando uma robotização da sociedade.

O primeiro momento desta época é marcado pela Guerra Fria, pelo mundo bipolar, pelo processo de descolonização, pelos movimentos contra as discriminações do final da década de 60. Nesse período “a juventude” passou a ser reconhecida como uma categoria, principalmente pelo marco de maio de 1968, o qual ocorre na França revoluções estudantis com lema principal “é proibido proibir!” repercutindo na Europa e nos demais continentes. O segundo momento, nos anos 80, o mundo socialista vai enfraquecendo paulatinamente e os meios de comunicação crescem e cada vez mais e ficam mais sofisticados. Surgem as máquinas de fax, computadores de uso pessoal, internet, celular, uma vez que a televisão já estava bastante popularizada.

O mundo vai se configurando de uma forma bem diferente de outrora. A informação cada vez mais vai se tornando mais rápida e seu poder de persuasão mais forte. O ritmo da vida das pessoas acelera com o passar do tempo. Não se tem tempo para aprofundar conceitos, relacionamentos, experiências. A superficialidade parece ser uma grande marca dessa época. Busca-se aquilo que é passageiro, pois a felicidade se encontra no presente, naquele instante, e não se apresenta grandes preocupações com o futuro, nem se valoriza o passado o que resulta em uma anestesia de uma consciência histórica. Com isso, há uma “relativização dos valores necessários para a edificação das dimensões fundamentais da vida.” (CNBB, 2013, n.22) além de uma cultura instável que “perdeu sua semiautonomia de que gozava no modernismo” (RIBEIRO, 2009, p.65).

Mesmo a cultura apresentando-se instável, nos últimos trinta anos ela vai ganhando proporções em nível global com o auxílio da rapidez da comunicação e vai-se configurando gradativamente ao grande sistema econômico pós-industrial. Não só caiu o muro de Berlim em 1989, mas também “os muros da cultura”, identidade cultural, de cada país tem caído e aberto espaços para grandes “culturas-produto” globais tornando-se seus mercados consumidores.

No campo da religião observa-se uma busca incessante pelo sagrado¹. A secularização, que teve início na modernidade não acabou com a religião, mas apenas deslocou sua função social. Ela se pluralizou, assim como o conhecimento, por conseguinte, proporcionou um declínio na fidelidade religiosa e um aumento de mobilidade. Com a valorização do “instante”,

1 “Em maio de 2007, o Datafolha revelava que 97% dos brasileiros disseram acreditar totalmente na existência de Deus, 2% reconheceram ter dúvidas e apenas 1% admitiu não ter essa crença. Em nível mundial, os ateus oscilaram entre 2,4% e 4%; em nove países europeus, o número de ateus saltou de 5% em 1981 para 7% em 1999” (RIBEIRO, 2009, p.101)

tem-se buscado um acúmulo de experiências pontuais e fenômenos como *bricolagem*², *sícretismo*³ e *trânsito religioso*⁴ estão cada vez mais frequentes.

Na região metropolitana de Belo Horizonte, por exemplo, contrapondo jovens e adultos entre duas categorias apresentam-se: a) Entre os *católicos não praticantes* – metade dos jovens considera religião como algo prático-existencial, enquanto os adultos a consideram como doutrina e instituição, além também de boa parcela destes ser crítica e indiferente ao assunto. Em ambos, o aspecto de confiança transcendente aparece bastante significativa; b) Entre os *sem-religião*, majoritariamente os jovens ligam religião ao aspecto doutrinário-institucional, enquanto os adultos compreendem-na como algo doutrinário-institucional e confiança transcendente⁵. Possivelmente sejam esses fatores que os tenham motivado a deixar a religião.

Quanto às práticas religiosas, há maior incidência dos jovens nos grupos/células e oração/jovem nas práticas individuais, oração, jejum e vigília. Enquanto os adultos estão mais atuantes em ações sociais, doações, caridade, dízimo, funerais e nas cerimônias (missa/ceia/casamento). Também assistem programas religiosos na TV mais que os jovens, possivelmente tendo em vista o grande número de adultos, sobretudo idosos. A leitura bíblica, mesmo pouco sendo praticada, ainda tem sua preponderância no público jovem. Entretanto, o curioso foi a maior incidência dos jovens na visita à imagem, novenas, terços e procissões, promessas/desafios e, de forma esmagadora, no turismo, romaria e marcha.

Diante dessas inúmeras transformações rápidas e bruscas, o ser humano da pós-modernidade marcada pela fluidez, globalização e fragmentação se depara com uma “*inevitável crise de sentido* que atordoa as pessoas e atinge seus critérios de julgamento mais profundos” (CNBB, 2013, n.9). A individualidade outrora conquistada com o advento da subjetividade humana tornou-se muitas vezes o único critério de decisão passando a ser autorreferência. Mas, o homem dos tempos atuais não confiando em seus critérios, é “incapaz de responder às novas situações que surgem neste período” (CNBB, 2013, n.17). Restam oscilar entre dois extremos: de um lado, o relativismo, sobretudo moral subjetivista acompanhado da permissividade, frente ao mundo plural; do outro, o fundamentalismo que procura combater esse pluralismo e a rápida mutabilidade.

Através disso, vive-se também uma crise de instituições. Com o desejo de felicidade pessoal tendendo ao narcisismo e ao hedonismo, a família vai se instabilizando. Cresce o número de uniões não institucionalizadas e de divórcios e diminuem os casamentos tradicionais.

2 Síntese de elementos religiosos distintos “à la carte” em uma experiência religiosa com autonomia. “Do francês *bricolage*, corresponde a *do it yourself*, do inglês, e *faça você mesmo*. (RIBEIRO, 2009, p.87, nota)

3 Elementos de distintas tradições condensadas em um “produto” religioso.

4 Troca de pertença a uma religião.

5 Pesquisa coordenada pelo prof. Malco Camargos (Institutos Ver/Vertex) e equipe do CEGIPAR e PPGCR-PUC-MG realizada com 2826 amostras que englobavam 14 grupos focais [gênero/idade/classes sociais e situação religiosa/idade]. Aqui os dados entre os adultos serão tomados apenas para motivos de comparação.

O número de pais e de mães solteiras também cresce nos últimos anos. Já o Estado que outrora era garantia de proteção e de harmonia para a população tem se tornado cada vez mais vulnerável. Constantemente está ameaçado pelas crises políticas e econômicas, repercutindo nas crises sociais. Escândalos políticos, envolvendo corrupção, são frequentes e são consequências de um individualismo que perpassa a humanidade. Os interesses comunitários têm sido substituídos pelos interesses pessoais ou de pequenos grupos. Enquanto as instituições religiosas, que já perderam sua hegemonia no mundo na modernidade, frente à nova forma de vida das pessoas se deparam com o êxodo de seus fiéis para as novas formas de viver uma experiência religiosa fora das igrejas.

Portanto, se no contexto pós-moderno as pessoas vivem de certa forma desorientadas e em busca de um referencial, o que dizer dos jovens dessa mudança de época? Adiante, iremos analisar essa problemática.

2. A JUVENTUDE E A PÓS-MODERNIDADE

O conceito de juventude perpassa o âmbito biológico, social, histórico e cultural e não se limita a períodos etários simplesmente.

Na fisiologia, a juventude inicia com as transformações do corpo na puberdade e chegar à capacidade de reprodução, às transformações intelectuais e emocionais coroadas na fase adulta. Entretanto isso está vinculado ao aspecto sócio, histórico e cultural que vem sofrendo variações ao longo de décadas. Se na concepção clássica da sociologia o fim da juventude era marcado pelo término dos estudos, vivência do próprio trabalho, saída da casa dos pais tornando-se responsáveis por sua própria moradia, casar e ter filhos⁶, nos tempos atuais isso tem mudado significativamente. Mesmo com a conclusão dos estudos (agora universitários) e com a vivência do próprio trabalho, os jovens continuam morando na casa dos pais. Unindo-se, na maioria das vezes sem vínculo institucionalizado e tendo filhos, ainda se observa os jovens na casa dos pais ou quando “saem”, constroem seus lares em torno deles.

A pós-modernidade como vimos, provocou profundas mudanças na sociedade, inclusive na concepção de juventude. Essa se apresenta agora como pleno desenvolvimento humano e não mais como estágio preparatório para a vida adulta, segundo E. Hobsbawm.⁷ As instituições, uma vez responsáveis de acolher e servir os jovens, deixaram-nos desamparados haja vista sua fragilidade. “Por falta de contraste a nova geração teve problemas em construir sua identidade. Os formatos familiares emergentes impunham aos jovens um

6 CARDOZO. *Juventude, religião e neoliberalismo*, 3. RIBEIRO cita que Olivier GALLAND reduz a três fatos marcantes da vida adulta: começo da vida profissional, saída do lar de origem e a fundação de uma família. Além disso, ainda apresenta outra realidade: mesmo os jovens morando longe dos pais, continuam a depender material ou afetivamente deles. (RIBEIRO, 2009, p.118)

7 HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. In (RIBEIRO, 2009, p.114)

amadurecimento precoce, o que tornava mais independentes e ‘individualistas’” (RIBEIRO, 2009, p.122).

As relações sociais também mudaram. Com o advento da internet e os *smartphones*, os jovens anseiam em expandir suas relações que não se limitam mais aos espaços físicos que frequentam, mas encontram a extensão quase que infinita do espaço virtual. As novas formas de relacionamento virtual podem facilmente invadir a privacidade das pessoas e provocar certa perda de intimidade. Com essas novas formas de comunicação, também surge no meio deles um medo de não estar conectado e corre-se o risco de privilegiar essa forma de relacionamento em detrimento ao presencial. É claro que não se pode condenar essa realidade irreversível. Entretanto, esses tipos de relações “não são fortes o suficiente para superar crises, desencontros e dificuldades inerentes a toda as reações humanas.” (CNBB, 2013, n.38)

Além desse medo, a juventude se depara com mais dois grandes medos. O primeiro se trata do medo de morrer frente à violência que cresce assustadoramente. Os assassinatos entre adolescentes e crianças no Brasil, por exemplo, aumentaram em 346% nos últimos trinta anos, enquanto os homicídios de um modo geral cresceram 259%⁸, os suicídios 62,5 % e as mortes no trânsito 38,7 % (BAPTISTA, 2014, p. 27-28). O segundo consiste no medo de sobrar e de ser excluído frente ao desemprego e a injustiça social.

Diante desses medos, inseguranças, crise de identidade, o jovem muitas vezes se encontra desamparado, tentando se equilibrar entre a proteção e a liberdade que são falhas nas instituições, mas assumidas e tecidas pela modernidade e globalização. No embate entre os meios de comunicação em massa e os pais e educadores que referência o jovem segue? Como construir sua identidade em porto seguro? No próximo ponto trataremos o papel do adulto na orientação para a juventude.

3. A ORIENTAÇÃO DA JUVENTUDE NOS TEMPOS ATUAIS

Para analisarmos o tópico central do nosso trabalho, convém dividi-lo em dois momentos: o primeiro trata da necessidade e da importância da orientação dos jovens abordando não só um caráter social, mas também a dimensão psicológica para fundamentá-las; o segundo momento trata dos pressupostos e da metodologia dessa orientação a fim de contribuir para sua eficácia.

A NECESSIDADE E A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO

Concomitantemente com a pós-modernidade, os jovens passam por conflitos, dúvidas e insegurança próprios do seu estágio de desenvolvimento. Sua experiência inaugural de luto se dá pelo corpo, diferente daquele presente na infância. Começa a perder referencial dos pais da infância: de heróis, passam a serem aqueles “chatos” que impõem limites e

8 “Mapa da violência 2012” in CNBB, *Campanha da Fraternidade 2013: Texto-Base*, n.107, nota

pensam que ele(a) ainda continua criança. Dessa forma, intrinsecamente necessitam de outro referencial.

Os “ídolos” roubam o espaço dos heróis em quadrinhos do tempo de criança. São cantores(as), bandas de música nacional e internacional, atores, atrizes, todos alicerçados nos novos meios de comunicação que ganham fãs juvenis. Tornam-se uma referência passageira, vulnerável e superficial, haja vista sua rápida mutabilidade. A “galera”, por sua vez, que contribui com a vida social do jovem, muitas vezes apresenta-se como “tribos”, ou seja, grupos que compartilham os mesmos ídolos e manifestam o mesmo comportamento. Dessa forma, também não se firmam como uma referência para os jovens.

Se os pais, os ídolos e a “galera” não se apresentam como referencial para os jovens atuais, restam outros adultos ou jovens um pouco mais experimentados que se tornem um novo referencial.⁹ Jorge Ribeiro citando Maria Rita Kehl fundamenta o a importância do adulto na juventude:

Se os jovens atuais são sujeitos dos próprios atos, também são alvo de atuação e do pensamento dos adultos. Maria Rita Kehl qualifica os jovens como caixa de ressonância dos sintomas da cultura; neles, nós, adultos nos vemos como “num espelho distorcido que reflete o que já deixamos de ser, o que seríamos se ainda nos sentíssemos capazes, e o que nos recusamos terminantemente a ser”. Esse contexto implica uma relação ética: se é verdade que inventar a própria vida é tarefa desses seres vulneráveis, cabe aos adultos “preencher, com o pensamento e o diálogo, o inquietante vazio em que os jovens tentam aportar suas frágeis embarcações” (KEHL, M. R. *A fratria órfã*,⁷ in RIBEIRO, 2009, p.120)

Não somente se percebe o fundamento, mas também a grande importância do adulto em servir como um “porto seguro” para as “frágeis embarcações” da juventude. Reforçando isso, o texto base da campanha da fraternidade de 2013 enfatiza a necessidade e a importância da orientação dos jovens. Uma boa orientação proporciona mais determinação em suas decisões, sobretudo as mais delicadas, ausência de manipulação e coragem de lutar pelos seus direitos e os dos outros. Torna-se um grande apoio na construção de visão do mundo, principalmente acerca das relações interpessoais frente “às divergências suscitadas pela competitividade e concorrência social”, além de também educar os jovens na fé conduzindo-os à maturidade cristã (CNBB, 2013, nn. 32, 120, 281, 282 e 296).

Entretanto, este documento lamenta a deficiência do acompanhamento da juventude, pois muitos jovens continuam sozinhos e sem orientação pela carência de pessoas que os oriente. Os líderes adultos não acompanham nem proporcionam um apoio necessário aos agrupamentos juvenis. Padres e religiosos ainda estão muito distantes dos jovens e não os

9 CNBB, 2013, n.300: cita a necessidade de “bons assessores adultos e bons líderes jovens”.

acompanham sistematicamente. As comunidades também não possibilitam atividades apropriadas para suprir essa ausência de orientação (CNBB, 2013, nn. 69, 70, 120 e 121).

PRESSUPOSTOS E METODOLOGIA PARA A ORIENTAÇÃO

Após ser observada a necessidade e a importância da orientação da juventude, convém analisarmos também os pressupostos e a metodologia de uma boa orientação.

Se desde os primórdios o homem tem a necessidade de se comunicar, quanto mais os jovens em uma época cuja comunicação impera com sua dinamicidade. Não só nos meios eletrônicos, mas também nas diversas expressões manifestas em sua vida como a música, a arte, o esporte, o trabalho e a educação percebe-se a necessidade dos jovens comunicarem o que pensam e sentem. Dessa forma, o *diálogo* e *interação* com o jovem é imprescindível. Para isso faz-se necessário uma aproximação do mundo juvenil que previamente deve ser conhecido. Os adultos não devem assumir uma postura de superioridade frente à juventude. Por mais que tenham vivido mais experiências que os jovens e com a facilidade da troca de informação, sempre há algo para aprender. Dessa forma, obtêm-se os elementos essenciais para um frutuoso diálogo, culminando posteriormente em um bom relacionamento.

Por outro lado, a *escuta*, parte integrante e pressuposta do diálogo deve ser aprimorada por parte dos adultos. Na mudança de época em que vivem não há espaço para discursos moralistas e julgamentos. Nem mensagens superficiais e pouco fundamentadas que o fazem permanecer desorientados. Os jovens nos tempos atuais anseiam por algo mais substancial e gostariam de buscar o fundamento das coisas. Querem saber o porquê das proibições e permissões e não simplesmente “engoli-las” como ordens.

Em uma época de crise de referenciais, além do diálogo e da interatividade com os jovens, o orientador para ser referência e “porto seguro”, deve apresentar *testemunho*, sendo coerente naquilo que fala e vive. Do contrário, o mundo juvenil prefere resolver suas questões sozinho, já que os orientadores com a falta de testemunho não manifestam confiança.

A dinamicidade e rapidez da comunicação exigem que os orientadores utilizem novos métodos e novas linguagens para que o acompanhamento dos jovens seja cada vez mais eficaz. Conversas presenciais, mesmo que não seja adequado substituí-las pelas conversas virtuais, podem servir-se dessas como mais uma ferramenta de diálogo e proximidade com os jovens. Haja vista “50% dos jovens brasileiros (de 18 a 29 anos) utilizarem a internet para trabalhar, para estudar e relacionar socialmente”. Quanto ao uso esporádico o número ultrapassa 80%. Quanto ao celular, “85% apontam como dispositivo móvel mais importante da vida.” Daí a necessidade dos orientadores inserir-se nos meios midiáticos e tecnológicos, até para proporcionar reflexões acerca de seu uso devido (CNBB, 2013, nn. 89-90, nota; 240).

Em nível grupal, é aconselhável promover encontros dinâmicos de formação de âmbito psicológico, espiritual, social, cultural, de oração, seminários vocacionais, semanas e jornadas para a juventude contando com a ajuda de teólogos, psicólogos e pedagogos, a fim de proporcionar uma melhor compreensão da realidade dos dias atuais.

Entretanto, convém lembrar que é fundamental haver a participação na organização não só desses eventos, mas como outros que não necessariamente sejam direcionados para o público juvenil. Isso também é uma forma de ouvir e acolher a contribuição que os jovens podem oferecer, além de proporcionar proximidade como os adultos.

CONCLUSÃO

Vivemos em uma mudança de época exigente e cheia de desafios para serem desbravados. Acredita-se que a orientação da sociedade pós-moderna é indispensável para sua melhor compreensão e vivência.

Deste modo, este trabalho longe de “condenar” o período que vivemos, procurou contextualizar suas diversas realidades e riscos. Perceber o jovem nesse período foi muito importante para compreendermos que conflitos, dúvidas e inseguranças próprios do seu desenvolvimento também são oriundos dos tempos atuais. A perda de referencial também partiu dessas duas dimensões e vimos que o impulsionou a buscar outro referencial.

Mesmo sabendo de sua necessidade e importância, além de ser um dever de todo corpo eclesial, como tem afirmado a texto-base da Campanha da Fraternidade de 2013, ainda se observa a deficiência do acompanhamento dos jovens. Mesmo que haja órgãos como a Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude que juntamente às Novas Comunidades, pastorais, comunidades eclesiais de base e outros meios têm contribuído para esse trabalho, faz-se necessário maior proximidade com a juventude por parte dos adultos, bons líderes jovens, além dos padres e religiosos e outros profissionais como psicólogos, pedagogos e teólogos diante dos desafios pertinentes de hoje.

É claro que não se pode descartar o papel dos pais, dos educadores e do Estado na formação dos jovens. Entretanto, cabe aos adultos proporcionar fecundo diálogo entre a juventude e todas essas esferas, que sozinhas são deficientes para o desenvolvimento do grande potencial inerente aos jovens.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *Teologia da Libertação e Juventude* in Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER: espiritualidade e dinâmicas sociais: memória – perspectivas / Organização SOTER. Belo Horizonte: SOTER, 2014.

CARDOZO, Carlos Eduardo. *Juventude, religião e neoliberalismo*. Horizonte Teológico. Belo Horizonte. Ano 7. N.14 jul/dez 2008

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 2013: Texto-Base*. Brasília, Edições CNBB, 2012

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011-2015*. Brasília, Edições CNBB, 2011

OLIVEIRA, J. Lisboa Moreira de . *Viver os votos em tempos de pós-modernidade: desafios para a Vida Consagrada*. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2004

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro. *Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje* *in* Revista Horizonte. Belo Horizonte, vol. 10, n.28, p. 1230-1254, out/dez de 2012

RIBEIRO, Jorge Claudio. *Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola: Olho d'Água, 2009

A BANALIZAÇÃO DOS VALORES E DAS RELAÇÕES COMO GERADORA DE AUSÊNCIA DE SENTIDOS¹

Jefferson da Costa Moreira

Graduando em filosofia

Universidade Federal de Lavras - jeffcostmoreira@gmail.com

Vanderlei Barbosa

Professor da

Universidade Federal de Lavras - vanderleibarbosa@ded.ufla.br

Resumo: Este ensaio tem como objetivo investigar tanto a formação cultural da juventude na sociedade contemporânea quanto o de interpretar o significado de tal concepção. Diante de tantas possibilidades de escolhas, os jovens buscam alternativas para aparentar felicidade e, não sabendo onde querem chegar, quaisquer coisas os satisfazem. Os referenciais da juventude estão sendo constituídos a partir de categorias que elucidam liquidez, banalização dos valores e entretenimento, centralizados no individualismo que levam ao vazio e ao efêmero. Logo, a ideia de valores sólidos, consistentes e permanentes focados no coletivo parece extemporânea. Diante deste contexto, a pergunta que se coloca é: Como a filosofia e a literatura podem contribuir para a formação cultural da juventude? Essa é a questão que orientará as reflexões sobre a temática da banalização dos valores e das relações que resultam na ausência de sentido. Sabe-se também que o espírito humano não se satisfaz apenas com uma dimensão puramente material, por isso é necessário elucidar a questão da racionalidade prática, que pode ser traduzida em termos amplos, no problema do resgate da questão da inteligência na sua dimensão sapiencial. São privilegiados nesse estudo, para fundamentar as reflexões apresentadas, as seguintes obras e autores: A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura de Mário Vargas Llosa; Bagagem de Adélia Prado e Meu quintal é maior do que o mundo de Manoel de Barros. Por meio da análise desses textos, tem-se o intuito de corroborar com o pensamento acerca da formação cultural da juventude que para além da dimensão técnica necessita de densidade ética, poética e humana. Espera-se, com essa pesquisa contribuir na construção da identidade da juventude contemporânea no sentido da abertura e de resgate de valores humanos que em termos filosóficos e poéticos são elementos fundamentais para a saúde do espírito. Ademais, para que os jovens possam assumir seu posicionamento no mundo é necessário colocar em prática a máxima socrática, ou seja, ‘conhecer a si mesmo’ e consequentemente apresentar possibilidades que elucidam um projeto de vida, onde os jovens possam ancorar-se em raízes fecundas, para que assim possam fazer vida, fazer futuro, chamar utopias, buscando alcançar com ousadia a *eudaimonia* necessária para trazer um sentido para as suas vidas.

Palavras-chave: Juventude; Filosofia; Literatura; Cultura.

¹ Este ensaio é fruto de uma temática proposta pelo Padre Sérgio França, reitor do Seminário Diocesano São Tiago, em São João del Rei – MG. Tal proposta foi transformada em uma palestra proferida pelo Professor Celso Reis Macedo, no primeiro encontro vocacional da Diocese de São João del Rei onde o autor desse ensaio deu início ao seu discernimento vocacional e a partir dessa experiência e através de reflexões levantadas juntamente com seu orientador expõe essas ponderações.

INTRODUÇÃO

Aprendam com os lírios do campo, como crescem, eles que não trabalham nem fiam. E eu digo a vocês que nem Salomão, com toda sua majestade, nunca se vestiu como um deles. (Mt 6, 28)

A sociedade contemporânea vivencia uma grave crise de valores, ou ainda mais, nas palavras de Mário Vargas Llosa, sofre uma metamorfose em sua cultura. É difícil para a grande maioria dos jovens, no atual contexto de relativismo e fragmentação, saber o que é certo e o que é errado. Esse obscurecimento do horizonte ético, nos assevera o teólogo Leonardo Boff, conduz a uma insegurança muito grande na vida e numa permanente tensão nas relações sociais, agravada pela lógica dominante da economia e do mercado, que se rege pela competição, e não pela cooperação, dificultando destarte o encontro de estrelas guias e de pontos de referência comuns².

Considerando a história, verificamos que as religiões continuam, apesar das contradições e de séculos de cientificismo e tecnicismo, sendo um manancial de valores singulares para a maioria da humanidade que precisam ser enriquecidos, se almejamos resistir as intimidações do capitalismo mundialmente integrado. Por que? Porque as grandes religiões, contêm dimensões coletiva, comunitária, bem-comum, que precisam ser restituídas como princípios de cooperação e reinvenção da esperança que escapam dos estreitos laços da racionalidade em sua dimensão instrumental.

No cipoal de “valores relativos” da sociedade contemporânea, tudo é definido a partir de uma visão intimista e do personalismo das circunstâncias. Nesse contexto, embora pareça extemporâneo falar de valores, insistimos na tese de que definir os limites do que vale (atitudes de vida) e do que não vale (atitudes de morte), não só é necessário como também imprescindível. Exatamente, na perspectiva da tradição filosófica da justa medida que pode servir de referência à juventude no processo de autodesenvolvimento pautado, no cuidado e na ousadia. Cuidado e ousadia são duas fontes para a formação de uma personalidade integrada de uma juventude em busca de caminhos.

Estas duas dimensões cuidado e ousadia devem ser transformadas em atitudes de ação, abertura e proximidade, tornando-se fontes de sentidos, de sensibilidade, de identidade, de caráter que levem a juventude a inventar e reinventar a própria história como protagonista de um tempo eticamente mais avançado, esteticamente mais aperfeiçoado e politicamente mais democrático.

Depois dessa breve contextualização do cenário contemporâneo, nos parece pertinente estabelecer algumas questões, tais como: Qual o sentido da vida? É possível definir a felicidade? Como lidar com a imprevisibilidade? Como ser protagonista da própria história? Para

2 Cf. LEONARDO BOFF. Como fundar a ética hoje? Folha de São Paulo, Tendências e debates, 15 de junho de 2003.

onde estamos indo? São inquietações que devem mobilizar o pensamento juvenil da sociedade contemporânea, no sentido de instigá-lo na construção de paradigmas que superem a fragmentação e restitua a visão de totalidade.

Ora, o caminho da juventude é fundamentado por cavidades que requer atenção e faz-se necessário está bem alicerçado por valores, crenças e costumes bem solidificados para que assim o jovem não mergulhe na efemeridade, daí a dimensão de cuidado. Mas é igualmente importante transformar as cavidades, as contradições, as fugacidades e as inquietações em desafios a serem superados, daí a dimensão da ousadia.

Assim sendo, pretendemos neste ensaio apresentar reflexões que enaltecem um sopro de esperança para a juventude contemporânea, elucidando no primeiro momento os impasses presentes no mundo juvenil caracterizando a roupagem impressa na juventude e em segundo plano, tentar reconstruir novos caminhos, resgatando a consciência ética e moral à luz do evangelho.

A ROUPAGEM DA JUVENTUDE

O que significa banalizar? Espontaneamente, cada indivíduo saberia a definição desse termo pois para defini-lá teria como direcionamento a ideia etimológica da palavra, isto é, o verbo banir. Ora, banalizar seria o mesmo que banir, mas tal banalização é vista sofisticadamente, isto é, tem como essência a liquidez, algo que não dói, que evapora rapidamente, quando se vê já foi.

Segundo o dicionário informal, banalizar é “transformar “valores caros” em algo comum e sem importância.” Nesse sentido é evidente que em nossa sociedade ocorre uma transvaloração dos valores caros, ou seja, toda consciência moral e ética construída na sociedade está se tornando algum comum e sem importância.

Entrementes, qual a roupagem da juventude? Estariam alicerçados por uma vida virtual que acaba simulando o ambiente real? Ora, nos últimos anos nossa vida tem como narrativa a publicidade, isto é, a predominância do uso das imagens: “os pés na areia da praia, a farra com a família, a festa de sábado à noite, o almoço com as amigas, a cerveja gelada à beira da piscina.”

Atividades que são compartilhadas nas redes sociais estampando o selo: somos felizes. Seria essa a verdadeira *eudaimonia* defendida pelo pensamento aristotélico? Notoriamente, os sorrisos vistos nas imagens e vídeos, comprovam a vitória sobre a tristeza, são representações que informam nossa incrível aproximação com um mundo onde não há espaço para os aborrecimentos da vida.

No entanto, para exercer essas atividades, não precisamos de “atravessadores”, isto é, somos produtores e disseminadores de nossas próprias imagens, nossa vida vai direto para redes sociais, a saber: Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, sites que temos controle e poder sobre quem somos, ou ainda mais, aquilo que queremos ser. Mas o cerne dessa problemática

consiste na seguinte questão: Não precisamos de intermediários para nos representar, isto é, para mostrar quem nós somos, mas porque insistimos em fazê-lo tendo como base uma lógica baseada na irreabilidade?

Frei Patrício Sciadini, em seu livro intitulado *Espiritualidade do Avental* (2007) enaltece que valorizamos mais a caixa, isto é, a boa aparência e não a substância e a essência. Entretanto é necessário “tirar os mantos”, e olhar o que tem dentro. Acerca disso, temos a seguinte história:

[...] Recordo que uma vez estava no Equador e ia para o Chile para visitar as Carmelitas Missionárias, fundadas pelo beato Francisco Palau, muito minhas amigas. Como não gosto de chegar com as mãos vazias, acho uma falta de delicadeza, no aeroporto queria comprar alguma coisa. Vi uma caixa de chocolate, de madeira bem bonita. Perguntei o preço e o vendedor, com maior tranquilidade, me disse: “Trinta dólares”. Era muito caro para o meu “bolsinho”. Mas fui adiante: “Quanto chocolates tem cada caixinha?” “Não mais que dez” Naquele mesmo balcão havia chocolate sortido, e quando perguntei se eram os mesmo da caixinha, ele me disse que sim. Como um pobre ignorante, perguntei: “Quantos chocolates tem num quilo e quanto custa o quilo?”. O rapaz me disse: “Em cada quilo dever ter mais ou menos quarenta chocolates, e custa três dólares.” “Então você me pese dois quilos”. O moço me olhou com certa desconfiança, e perguntou: “O senhor não vai levar a caixinha tão bonitinha?”. “Não, porque as freiras a quem vou dar os chocolates não comem caixinhas, mas sim chocolates.” (SCIADINI, 2007, pp. 67-68)

Ora, para alcançar nosso eu profundo é necessário diria o apóstolo Paulo despertar nossa *Kenosis*, isto é, esvaziar-se de valores efêmeros que não corroboram em nossa construção humana, alicerçarmos com potenciais críticos e emancipatórios para que possamos “ver e sentir o mundo”. Em outras palavras, numa perspectiva da teologia da libertação, Leonardo Boff ao ponderar acerca dos desafios presentes na sociedade contemporânea, diz que “[...] devemos desentulhar e liberar o *daimon* interior e começar a auscultá-lo de novo. [...] precisamos resgatar o bom senso ético, aquilo que simplesmente deve ser, pois essa é a missão que o *daimon* desempenha dentro de nós. Ele é a fonte da criatividade ética e moral.” (BOFF, 2003, p.36).

Assim sendo, nossa juventude contemporânea, precisa educar o olhar para superar essa situação de normalidade. Em outras palavras, não se pode deixar de lado a figura *flânuer*, de um andarilho, diria o poeta francês Charles Baudelaire e o filósofo Walter Benjamin, isto é, devemos deixar de lado o ritmo vertiginoso presente na sociedade e atentar-se para o tempo presente.

O que podemos depreender das ideias dos referidos autores? Todos convergem para o foco de que é importante atentar-se para a prática essencial da vida humana, que revigora

qualquer indivíduo, ou seja, devemos abrir os olhos para o agora e realizara atividade que consiste na contemplação da vida, pois só assim não iremos “aparentar felicidade”, isto é, precisamos ter em mente um projeto de vida, que possibilite despertar uma felicidade mais duradoura.

NOVOS HORIZONTES EM TEMPOS DE VERTIGEM

Segundo Boff: “[...] nosso tempo se caracteriza por uma crise generalizada que atinge fundamentos das convicções estabelecidas, das culturas, das religiões, dos valores, das políticas e do cotidiano”. (BOFF, 2002, p.9). Como superar esse tempo? Estaria a sociedade seduzida pelo “canto das sereias” enfrentado por Ulisses? Quando é que a sociedade atingirá um novo *kairós*?

Ora, para pensar nosso “modo de ser e estar no mundo” é necessário assumir um posicionamento, isto é, o sentido da vida não advém de uma decisão momentânea, pensamos a vida hoje, ou nas palavras do apóstolo Mateus: “Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã: o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado.” (Mt 6,34) Assim sendo, não se pode olhar a vida tendo como norte somente os benefícios da alegria efêmera, mas também observar as consequências das atitudes realizadas para que assim o mundo não perca sentido, ou seja, devemos ter em mente a virtude da prudência aristotélica, ou ainda mais, é preciso saber viver³.

Nesses tempos de vertigem, diria Llosa “a cultura está atravessando uma crise profunda e entrou em decadência.” (LLOSA, 1963, p.9) Assim sendo, um novo caminho deve ser criado para que assim possamos amadurecer ainda mais as dimensões que são de suma importância para o ser humano, a saber: a espiritualidade e a ética do cuidado⁴. Mas como alcançar essa dimensão espiritual e esse cuidado? Para tecer essas duas perspectivas ressaltamos um viés poético, filosófico e até mesmo teológico.

Analisando a espiritualidade, embainhamo-nos em reflexões advindas de uma literatura que detêm uma simplicidade, mas ao mesmo tempo rica em sofisticação e que se aproxima do olhar poético de Adélia Prado. Diante de uma sociedade que busca respostas rápidas e vive uma ausência de sentidos, a Bagagem⁵ adeliانا, vinculada a uma matriz religiosa, enaltecem experiências através de poesias que corroboram na construção de um pensamento crítico, despertando assim a sensibilidade para a vida. Em outras palavras, por intermédio da poesia é possível religar o todo, isto é, a poesia adeliانا é a porta de entrada de muitos jovens

3 Cf. Música “**É Preciso Saber Viver**” composição de Roberto e Erasmo Carlos, 1998.

4 Cf. Barbosa, Vanderlei. Da ética da libertação à ética do cuidado: uma leitura a partir do pensamento de Leonardo Boff. São Paulo: Porto de Ideias, 2009.

5 Cf. Prado, Adélia. Poesia Reunida. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

na literatura, como também contribui na formação humana em sua totalidade, alcançando proporções éticas, morais e sagradas.

Ora, a poética de Adélia Prado consegue retirar da simplicidade, do cotidiano e da imanência, a beleza, a densidade e a transcendência, demonstrando que para compreender a vida é preciso cuidar de todos os detalhes que constituem o universo da existência, dando-lhe uma nova leitura do cotidiano aos pequenos afazeres da vida.

Entrementes, temos a ética do cuidado que também coopera na estrutura de valores mais sólidos na sociedade. O cuidado na perspectiva de Boff, é a base para uma convivência do bem querer que engloba todos os seres. Soma-se a essa perspectiva a poesia de Manoel de Barros que tem uma filosofia maravilhosa que ensina o valor do que não tem valor.

Essa deveria ser a filosofia de toda escola, pelo menos até a educação da infância que é, por excelência, o tempo primordial da formação para a vida. As escolas tem pressa e a educação exige ócio. Esse descompasso cria horrores e não encantamento. Ensinar a olhar monumentos e não as coisas em si mesmas na pura gratuidade do existir é um erro crasso. Em outras palavras, o saber primordial não brota do conhecimento dos livros e das teorias. O saber primordial brota dos sentidos – ver, ouvir, tocar, saborear, cheirar – como assegura Rubem Alves. Sem impregnar de sentido a educação se torna sem sentido: óbvio assim.

Nesse ínterim, identifica-se que muitas escolas modernas ensinam tecnologias, macroeconomia, astronomia, geopolítica etc., mas não ensinam as percepções primárias: terra, ar, água e fogo. Não ensina a olhar estrelas, minhocas, passarinhos, fritar ovo, arrumar a cama, limpar ou lavar o próprio prato que come. Ora, a educação de verdade não precisa fazer razão, precisa fazer sentido. Por isso, as reflexões sobre a poesia interrogam a natureza da vida social e da comunidade política porque viver é mais do que sobreviver, é alcançar virtudes e conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir acerca da banalização dos valores e das relações como geradora de ausência de sentido, buscamos contextualizar a sociedade contemporânea marcada pela grave crise de valores que tem provocado o obscurecimento do horizonte ético e gerado insegurança na juventude, o que traz tensões nas relações sociais regida pela lógica dominante da economia e do mercado.

Também procuramos em diferentes autores, pontos de convergência que demonstram que para compreender a vida é preciso cuidar de todos os detalhes que constituem o universo da existência, dando-lhe uma nova leitura do cotidiano aos pequenos afazeres da vida.

A partir dessas incipientes investigações podemos inferir que as categorias de cuidado e ousadia são fundamentais para potencializar a juventude em suas buscas de sentido que possam superar a banalização dos valores e das relações e restituir sentido da vida.

Ou seja, a juventude contemporânea precisa se perguntar: Quem sou eu? Como jovem, qual o meu papel na sociedade? Logo, voltamos a questão inicial: se eu não sei onde quero chegar qualquer caminho serve. Ora, para que isso não aconteça temos que assumir nossa identidade, isto é, o jovem tendo como intuito atingir o esclarecimento e passar para maioria tem que saber ser protagonista da sua própria história.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Vanderlei. *Da ética da libertação à ética do cuidado: uma leitura a partir do pensamento de Leonardo Boff*. São Paulo: Porto de Ideias, 2009.
- BARROS, Manoel. *Meu quintal é maior do que o mundo: Antologia*. São Paulo: Alfaguara, 2015.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do Humano - Compaixão pela Terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- INFORMAL, dicionário. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/banalizar/>. Acesso: 23 de jun 2019
- LEONARDO BOFF. *Como fundar a ética hoje?* Folha de São Paulo, Tendências e debates, 15 de junho de 2003.
- LLOSA, Mário Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1963.
- PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- SCIADINI, Frei Patrício. *Espiritualidade do Avental*. São Paulo: Loyola, 2007.

JUVENTUDE E PROJETO DE VIDA NA CONTEMPORANEIDADE: A BUSCA POR RECURSOS NA RELIGIÃO

Rachel Omoto Gabriel

Mestranda em Educação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - rachelomoto@alumni.usp.br

Resumo: Na esteira de estudos que apontam para a relevância que a religião ainda tem como agente socializador na contemporaneidade (SETTON, 2008) e para a importância que determinadas parcelas da juventude brasileira atribuem à essa dimensão (NOVAES, 2008), investiga-se a influência da religião nas trajetórias de vida de jovens católicos frequentadores do Anchietaum, Centro de Juventude mantido pela Companhia de Jesus na cidade São Paulo/SP. Considerando que as trajetórias de vida são “colocações e deslocamentos no espaço social” (BOURDIEU, 2014), são levados em consideração os desafios impressos pela complexa realidade contemporânea e excludente sociedade brasileira na tessitura de projetos de vida, relacionando esse contexto ao envolvimento religioso de jovens. Neste trabalho, à luz de um referencial analítico-teórico bourdieusiano, apresentamos análise preliminar de dados de pesquisa de mestrado em andamento obtidos por meio de questionário on-line, de preenchimento voluntário e com garantia de preservação do anonimato, respondido por 231 jovens, de 17 a 32 anos, frequentadores do Anchietaum. As respostas acerca das razões pelas quais os respondentes começaram a frequentar e continuam frequentando o centro de juventude em questão mostram que, juntamente à esperada busca por experiências especificamente religiosas, põe-se em relevo a busca por autoconhecimento e ajuda para pensar em um projeto de vida, do que se sugere que a procura por experiências religiosas parece confundir-se com uma busca principalmente por recursos que possibilitem o conhecimento de si e proporcionem ferramentas para a conformação de um projeto de vida. Esse postulado se reforça ao considerarmos que a principal experiência religiosa oferecida aos jovens pelo instituto, os “Exercícios Espirituais”, parece priorizar justamente a reflexividade e estimular a reflexão sobre projeto de vida. Considerando que os recursos ou capitais podem ser de diferentes espécies, isto é, econômicos, culturais, sociais, simbólicos, linguísticos etc. (BOURDIEU, 2012), as outras respostas acerca do que os jovens pesquisados buscavam e ainda buscavam no centro de juventude pesquisado apontam para uma demanda também por capital cultural (formação metodológica, cultural e sociopolítica), social (fazer amigos) e afetivo (acolhida). Nesse sentido, a análise dos distintos recursos buscados pelos jovens em suas experiências religiosas pode contribuir para a compreensão das relações tecidas entre juventude e fé neste momento histórico repleto de desafios.

Palavras-chave: juventude, religião, projeto de vida, capital simbólico.

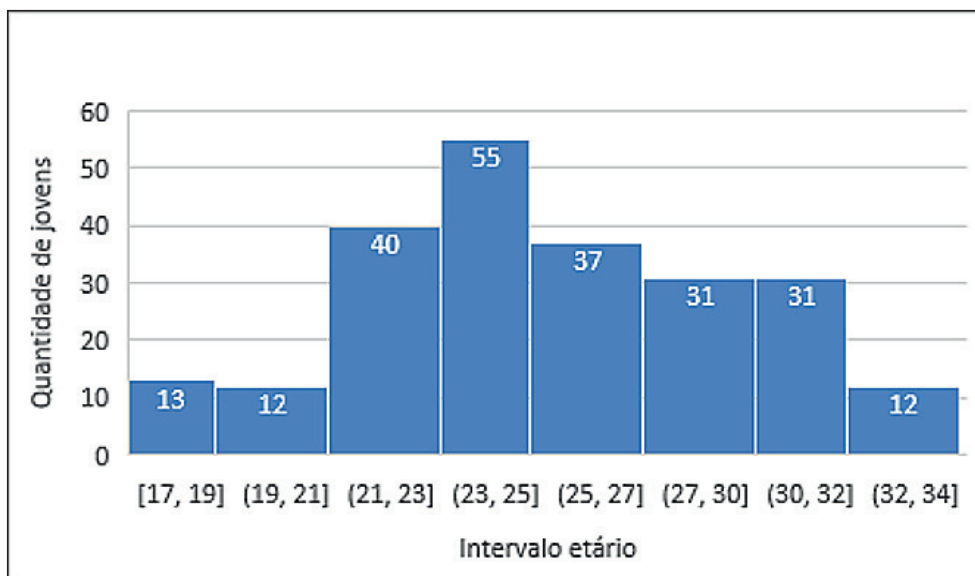
Em pesquisa¹ realizada com jovens católicos frequentadores do Anchietaum, Centro de Juventude² mantido pela Companhia de Jesus³ no Brasil na cidade de São Paulo/

1 A pesquisa em questão é o mestrado em andamento de autoria desta pesquisadora, sob orientação da Profa. Dra. Kimi Tomizaki, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Apresentamos aqui apenas alguns dados parciais.

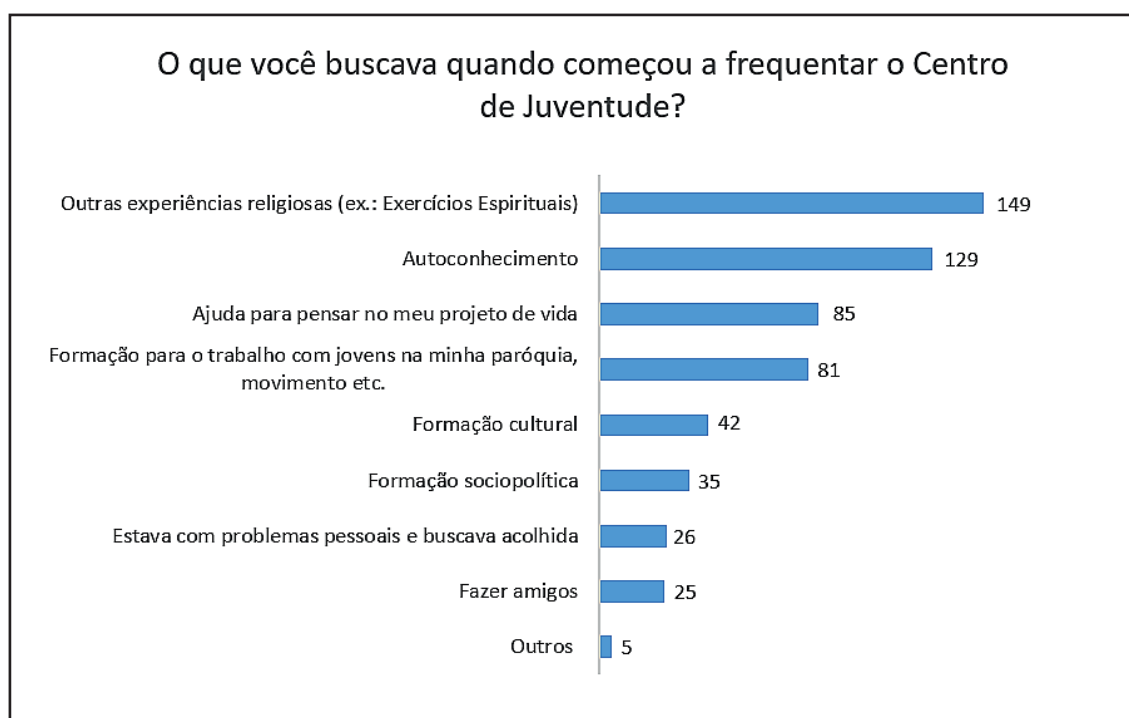
2 Há diversos centros e institutos de juventude católicos mantidos por distintas congregações, movimentos e grupos de leigos no Brasil. Nesses espaços são oferecidas experiências religiosas, formação metodológica, social, cultural etc. para jovens católicos e outros interessados.

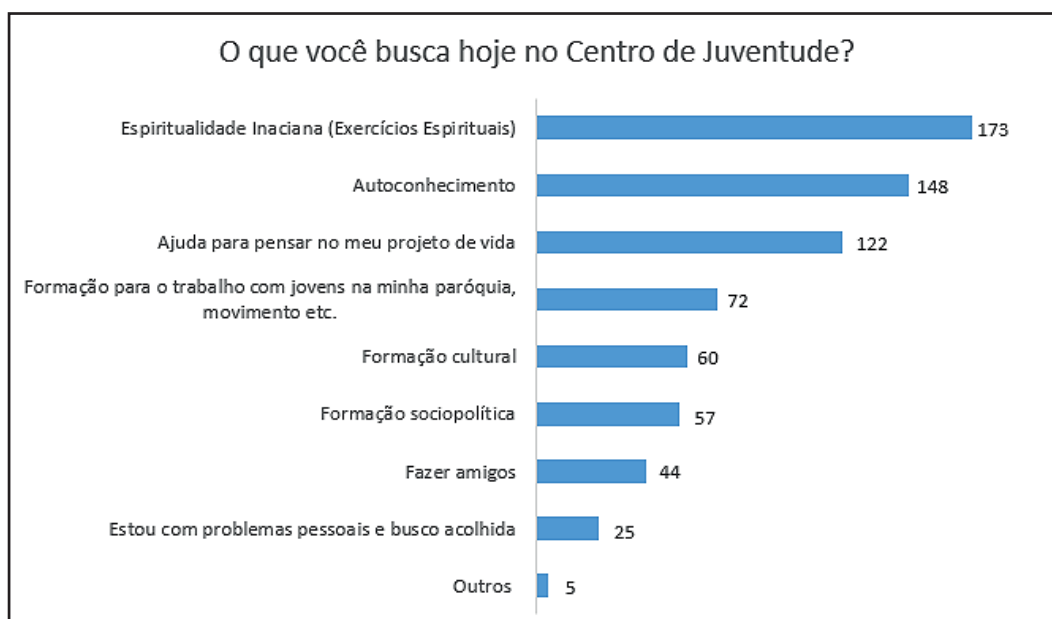
3 A Companhia de Jesus (jesuítas) é uma ordem religiosa ligada à Igreja Católica.

SP, perguntamos o que buscavam quando começaram a frequentá-lo e por que continuavam a fazê-lo. Dos 231 respondentes entre 17 a 32 anos (público-alvo do instituto em questão), a maior parte tinha entre 23 e 25 anos, conforme gráfico a seguir:



Por meio de questionário on-line, com garantia de preservação do anonimato, os jovens puderam escolher dentre diversas alternativas e, também, acrescentar livremente opções não elencadas. Como cada pergunta permitia mais de uma alternativa, num total de 577 e 706 respostas para cada pergunta, respectivamente, os resultados obtidos foram:





A análise das três respostas mais citadas revela que, diferentemente do que se poderia supor à primeira vista, ou no senso comum, jovens católicos que frequentam uma instituição religiosa não estão apenas em busca de uma “relação com Deus”, mas também de autoconhecimento e de auxílio para a tessitura de seus projetos de vida. Considerando que os recursos ou capitais podem ser de diferentes espécies, isto é, econômicos, culturais, sociais, simbólicos, linguísticos etc. (BOURDIEU, 2012), as outras respostas do que os jovens pesquisados buscavam e ainda buscam no centro de juventude em questão apontam para uma demanda também por capital cultural (formação metodológica, cultural e sociopolítica), capital social (fazer amigos) e afetivo (acolhida).

De outro ângulo, as respostas também podem refletir a importância e a influência que a religião tem em suas vidas não como uma dimensão experimentada separadamente das outras, mas como algo vivido intrinsecamente às demais; as experiências religiosas incluiriam outros aspectos de suas vidas, como o pensar em seus projetos de vida ou fazer amigos, não se configurando como algo assessorio, mas imbricado em suas experiências cotidianas. Nesse sentido, a despeito de um certo ideário denegatório da capacidade mobilizadora da religião na contemporaneidade – que muitas vezes só ganha destaque em suas relações com fundamentalismos –, essa dimensão ainda tem grande relevância identitária para os jovens e precisa ser levada em conta por pesquisadores do fenômeno juvenil. Como aponta Novaes (2008, p. 263), “ao lado de outros recortes – de classe, de gênero, de raça ou cor, de local de moradia, de opção sexual, de estilo ou gosto musical –, a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira”.

Além de levarmos em conta a importância que a religião ainda tem para alguns segmentos juvenis, outro aspecto a ser considerado “quando se pretende analisar as relações entre religiões e juventude” é o fato de que esse fenômeno não ocorre em um vácuo social e, portanto, “não podemos deixar de lado as inseguranças advindas dos desenraizamentos do mundo contemporâneo e as específicas dificuldades de inserção social que vivem os jovens brasileiros de hoje” (NOVAES, 2008, p. 282), já que se configuram como fatores que

impactam decisivamente a vida da juventude e suas possibilidades ou impossibilidades de elaboração de projetos de futuro, com implicações diferentes na vida dos distintos jovens, a depender da variedade e quantidade de recursos de que dispõem. Como bem nos lembra NOVAES (2007, p. 2-3):

Para além das evidentes distâncias sociais que os separam, os jovens de hoje vivem em um momento no qual a tensão local-global se manifesta no mundo de maneira contundente. Nunca houve tanta integração globalizada e ao mesmo tempo, nunca foram tão agudos os processos de exclusão e profundos os sentimentos de desconexão. É verdade que estes aspectos têm consequências na sociedade como um todo, para todas as faixas etárias. Mas suas repercussões se agigantam sobre a juventude. Afinal as profundas mutações no mercado de trabalho atingem de maneira particular os jovens. É nesta fase da vida que se busca condições para a emancipação. , [sic] as relações entre juventude e sociedade se fazem como em uma espécie de jogo de espelhos: ora apenas retrovisor, ora retrovisor e agigantador. Neste peculiar jogo dialético se produzem marcas geracionais, sensibilidades e disposições simbólicas comuns aos jovens que vivem em um mesmo tempo social.

Ao versar sobre essa mesma realidade social contemporânea, Leccardi (2005, p. 43) destaca que “há cada vez menos espaço para dimensões como segurança, controle, certeza”, de maneira que “o futuro da modernidade contemporânea é o futuro *indeterminado e indeterminável*, governado pelo risco”, influenciando nossos modos de temporalização, nossa relação com o tempo e a capacidade de constituirmos projetos de futuro. Pais (2006, p. 11), ao também discorrer sobre a condição juvenil contemporânea, retoma justamente a etimologia da palavra “risco”:

A origem etimológica do termo risco provém do latim *riscum* ou *risicum*, expressão associada às incertezas das antigas expedições marítimas. Hoje em dia, a passagem de alguns jovens para a vida adulta é um verdadeiro dobrar de “cabo das tormentas” (via de *riscum*).

Assim, em um contexto marcado pelo risco e pela incerteza, os jovens, “um termômetro particularmente sensível dessas transformações” (LECCARDI, 2005, p. 45), são como “nômades do presente”, que “rodeiam, sem uma meta precisa, por lugares não conectados, estações singulares de suas biografias, cujas conexões podem ser eventualmente identificadas como resultado de uma reflexão *ex post*, e não com base em um projeto” (LECCARDI, 2005, p. 47). Nas palavras de Pais (2006, p. 9), nos “tempos que correm, os jovens vivem uma condição social em que as setas do tempo linear se cruzam com o enroscamento do tempo cíclico. Temporalidades ziguezagueantes e velozes”, numa vivência de “contratempos que caracterizam a condição juvenil contemporânea”.

Nessa conjuntura, jovens capazes de utilizar como estratégia “modelos de ação construídos a partir de novas formas de disciplina temporal (por exemplo, para períodos breves, mas intensos, ‘finitos’), de programação e controle atento sobre o tempo cotidiano”,

parecem especialmente ricos em recursos – culturais, sociais e econômicos. Se os sujeitos dominantes de nossa época são aqueles que se diferenciam em virtude de sua capacidade de utilizar bem, em termos de poder, a velocidade e a mobilidade, esses jovens parecem trilhar esse caminho. Quem, pelo contrário, possui poucos recursos sociais e culturais parece, sobretudo, sofrer com a perda do futuro progressivo e da capacidade de propor projetos da primeira modernidade. Para esses jovens, o futuro, fora de controle, pode ser somente anulado, apagado para dar lugar a um presente sem fascínio (LECCARDI, 2005, p. 52).

Em meio a esse cenário, poderia a religião proporcionar aos jovens algum tipo de recurso para o enfrentamento dos desafios impostos pela contemporaneidade? Pois que o caminho não parece plano. Muitas metáforas já foram elaboradas e retomadas na tentativa de compreender o significado dos rastros e pegadas das trajetórias juvenis rumo à vida adulta. A figura do *bricoleur* retomada de Lévi-Strauss por Leccardi (2005, p. 46); “nômades do presente” (MELLUCI, 1998, apud LECCARDI, 2005, p. 47); “um verdadeiro dobrar de ‘cabo das tormentas’” (PAIS, 2006, p. 11); “‘happenings’ e ‘instalações’” (BAUMAN, 2009, p. 74-75); trajetórias ioiô (LÉON, 2005, p. 17):

A transição da etapa juvenil à vida adulta deixou de ser um tipo de ‘trajetória linear’, ou concebida como uma trajetória de final conhecido e de maneira tradicional, onde o eixo da transição foi a passagem da educação para o trabalho; onde atualmente, com maior propriedade, este trânsito está vinculado a uma fase imprevisível, vulnerável, de incerteza maior que nas trajetórias tradicionais ou lineares, onde podem denominar-se tipos de ‘trajetórias reversíveis, labirínticas ou iô-iô’ (López, 2002; Pais, 2002a).

Numa atualização das metáforas sobre a trajetória representativa da transição da juventude para a vida adulta, talvez pudéssemos falar hoje das trajetórias “fidget spinner” ao recuperarmos os efeitos da ampliação do acesso ao ensino superior no Brasil. O brinquedo, que virou moda não apenas entre crianças, adolescentes e jovens, pois foi propalado como objeto capaz de reduzir o estresse e aumentar a concentração em adultos, gira de maneira quase ininterrupta nas mãos de uma pessoa. A atratividade desse objeto giratório reside nos diferentes tempos de rotação, ruídos e efeitos óticos que podem ser produzidos. Ora, não parece ser essa a sensação que muitos jovens podem ter em relação às suas trajetórias de vida? Rodar e rodar na busca de credenciais escolares que parecem provocar alguns efeitos; sentir aproximando-se de um ponto de chegada, mas, ao final, descobrir que o jogo é apenas continuar girando e girando sobre o próprio eixo. “É isso aí você não pode parar, esperar o

tempo ruim vir te abraçar. Acreditar que sonhar sempre é preciso, é o que mantém os irmãos vivos”⁴.

No caso de jovens negros e pobres, a brincadeira parece não durar muito tempo. Como aponta o “Atlas da Violência 2017” (CERQUEIRA et al, 2017, p. 30), em “cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra”. Também é o que aponta o “Índice de Vulnerabilidade Juvenil”, ao “analisar o homicídio de jovens no Brasil a partir das variáveis gênero e raça” (BRASIL, 2017, p. 11 e 14), destacando, ainda, a maior vulnerabilidade a que estão sujeitas as jovens negras.

Nesse sentido, grande quantitativo de jovens no Brasil, conforme demonstram diversos estudos, caminha pelas ruas das cidades “como se fosse culpado pelo ‘crime de ser portador da sua cara’” (FERREIRA et al, 2009, p. 197). E essa parcela, mais uma vez, é constituída majoritariamente por jovens negros habitantes das periferias, como corroboram, ainda, os dados do “Mapa do Encarceramento: os jovens do Brasil”:

A partir dos dados levantados e analisados, conclui-se que houve crescimento de 74% da população brasileira encarcerada entre 2005 e 2012. As análises possibilitaram identificar o perfil da população que está nas prisões do país: homens, jovens (abaixo de 29 anos), negros, com ensino fundamental incompleto, acusados de crimes patrimoniais e, no caso dos presos adultos, condenados e cumprindo regime fechado, e majoritariamente, com penas de quatro até oito anos. (...)

Estes dados possibilitam inferir que tanto o encarceramento como as mortes violentas no país são focalizados na população jovem e negra. Esses números indicam a seletividade racial do encarceramento brasileiro, já que a aceleração do encarceramento é maior neste grupo do que entre brancos, bem como a vulnerabilidade da população negra e jovem às mortes violentas (BRASIL, 2015, p. 91 e 94).

Outra grande parcela, cerca de um quinto da população entre 15 e 29 anos, de acordo com dados do IBGE de 2017 (NETO, 2018), não trabalhavam nem estudavam, criando-se, por parte de alguns setores, o estigma “nem-nem” (jovens que não estudam nem trabalham), a partir de uma interpretação de que jovens “não querem” trabalhar ou estudar, quando diversos estudos apontam para as causas estruturais que engendram essa condição, as quais vão muito além de escolhas individuais, conforme Cardoso (2013) e recente pesquisa produzida pelo Banco Mundial (MACHADO e MULLER, 2018).

Diante das dificuldades impostas pela excludente realidade brasileira e pelos desafios impostos pela condição contemporânea, que tipo de recursos – ou capitais, em linguagem

4 Trecho da música “A vida é um desafio” do grupo de *rap* Racionais Mc’s.

bourdieusiana – os jovens poderiam encontrar na religião? Afinal, “a falta de capital intensifica a experiência da finitude: ela prende a um lugar” (BOURDIEU, 2012, p. 164).

Independente de possíveis bens de salvação⁵ “celestes” que a religião tenha a oferecer, concomitantemente à busca por experiências especificamente religiosas, conforme mencionado no início deste texto, destacam-se nas respostas dos jovens pesquisados a busca por autoconhecimento e ajuda para pensar em seus projetos de vida, o que pode sinalizar, talvez, um anseio por recursos capazes de proporcionar-lhes “salvação terrena” contra as intempéries da realidade que enfrentam que, conforme exposto, é caracterizada pela incerteza e pelo risco.

Além disso, se levarmos em consideração os “valores e normas da juventude contemporânea”, como a “individualização”, “o processo pelo qual o indivíduo reivindica ‘a livre disposição de si mesmo’ e pretende escolher de modo autônomo o que é bom ou ruim para ele”, de maneira que na “relação com a religião, também, ‘a consciência individual substitui a autoridade exterior no que diz respeito à ética social e pessoal’” (CHARLOT, 2007, p. 208), poderíamos supor que a busca por “experiências religiosas”, no caso dos jovens pesquisados, ganha sentido na medida em que lhes proporciona autoconhecimento e ajuda para seus projetos de vida, e não como bem religioso buscado *per se*.

Se consideramos, ainda, que a experiência religiosa específica buscada pelo jovens pesquisados no Anchietanum, os “Exercícios Espirituais”, parece privilegiar aspectos que motivam à reflexividade e ao exercício de projetar a vida, então poderíamos supor que quando dizem buscar os “Exercícios Espirituais”, os jovens já estariam expressando a busca também pelos elementos contidos nas duas outras respostas mais citadas: “autoconhecimento” e “ajuda para pensar em meu projeto de vida”. Tal suposição parecer fazer sentido ao, analisarmos, por exemplo, o material produzido para servir de “guia inspirador” dos “Exercícios Espirituais para Jovens (EEJ)”, no qual se salienta, dentre diversos apontamentos, que os “Exercícios são caracterizados pelo silêncio”, a história pessoal é resgatada “sob a ótica de uma autobiografia” e que “a partir da experiência com Jesus” motiva-se “o jovem a iniciar a elaboração de um Projeto de Vida” (CAPRINI, 2018).

Trata-se de conjecturas com base em análise preliminar de parte de dados coletados em pesquisa de mestrado em andamento; de toda sorte, a análise, mesmo que breve, dos recursos buscados pelos jovens em suas experiências religiosas pode contribuir para lançar luz não somente sobre as relações entre juventude e fé, mas também entre estas e os desafios enfrentados pela juventude contemporânea diante da indeterminação representada pelo futuro e das agruras de um cenário nacional desigual e excludente, que marcam a ferro tantos destinos e trajetórias.

5 O conceito de “bens de salvação” exsurge da ideia de que os distintos campos de atuação humana (científico, cultural e, inclusive, o religioso) funcionariam sob uma lógica economicista, mas de maneira velada e em torno de capitais simbólicos; no caso da religião, “o capital religioso” (BOURDIEU, 2005, p. 27-98).

Conforme exposto, no caso dos jovens pesquisados, sugerimos que a procura por experiências religiosas parece confundir-se com uma busca principalmente por recursos que possibilitem o conhecimento de si e proporcionem ferramentas para a conformação de um projeto de vida, como se buscassem uma espécie de bastão de caminhada para trilhar as difíceis sendas de transição à vida adulta.

Considerando, ainda, as outras razões que estimulam os jovens pesquisados a participar de um determinado espaço religioso (formação, agregação, acolhida), faz-se indispensável “pensar com mais cuidado em uma esfera educativa ainda pouco explorada, contudo extremamente importante e que compõe o repertório cultural de amplas parcelas da população brasileira” (SETTON, 2008, p. 24) – a religião – buscando compreender as relações tecidas entre fé e a juventude neste momento histórico repleto de desafios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **A arte da vida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

BRASIL. **Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: <http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0010/1092/Mapa_do_Encarceramento_-_Os_jovens_do_brasil.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2019.

BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 27-98.

_____. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. (Coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 693-732.

_____. A ilusão biográfica. In: **Usos e abusos da história oral**. São Paulo: Editora FGV, 2014, p.183-191.

CAPRINI, J. (Coord.). **Exercícios Espirituais para Jovens (EEJ): guia inspirador**. São Paulo: Loyola, 2018.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 293-314. Maio/Ago. 2013.

CERQUEIRA et al. **Atlas da Violência 2017**. Rio de Janeiro: Ipea e FBSP, 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2019.

CHARLOT, B. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. In: **Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

FERREIRA, H. et al. Juventude e Políticas de Segurança Pública no Brasil. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, p. 193-219, 2009.

LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, nov. 2005. ISSN 1809-4554.

LEÓN, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. de. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005

MACHADO, A. L.; MULLER, M.. “If it’s already tough, imagine for me...”: A Qualitative Perspective on Youth Out of School and Out of Work in Brazil. Washington, DC: World Bank, 2018. Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/29424>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

NETO, J. Mais de 25 milhões de jovens não estudavam em 2017. **Agência IBGE Notícias**, São Paulo, 18 de mai. de 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21256-mais-de-25-milhoes-de-jovens-nao-estudavam-em-2017.html>>. Acesso em: 06 mai. 2019.

NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 263-290.

_____. Juventude e sociedade: jogo de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: ciência e vida**. São Paulo: Editora Escala, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2I3lf12>>. Acesso em: 9 jun. 2019.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 7-21.

SETTON, M. G. J. As religiões como agentes da socialização. **Cadernos CERU**, v. 19, n. 2, p. 15-25, 1 dez. 2008.

JOVENS EM VULNERABILIDADE SOCIAL E EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL¹

Sílvia Danizete Pereira Barbosa

Mestra em Educação Tecnológica

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

danizete.silvia@hotmail.com

Raquel de Castro Salomão Chagas

Doutora em Ciências

Docente no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

raquelc@cefetmg.br

Laura Quirino Gonçalves

Estudante do curso Técnico Integrado em Edificações

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

lauragoncalvesquirino2@gmail.com

Stéphanie Pereira Barbosa

Estudante do curso Técnico Integrado em Eletrônica

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

tete.179@hotmail.com

Resumo: Partindo-se de uma contextualização histórica que revela que o Brasil, a educação profissional iniciou-se como uma política assistencialista que procurava amparar os desvalidos da sorte, disciplinar, moralizar e regenerar pelo trabalho as classes pobres, por meio do aprendizado de um ofício e de outros valores para a sua socialização, na atualidade percebe-se que jovens em situação de vulnerabilidades sociais vislumbram no ensino técnico uma forma de qualificação para sua inserção no mercado de trabalho. Esta pesquisa ainda insipiente busca analisar os inúmeros recortes que interferem nas trajetórias, projetos de vida, motivações e expectativas daqueles que almejam cursar o ensino técnico (classe, raça, gênero, etnia, região), sobretudo, os que estão inseridos em situações de vulnerabilidades sociais diversas. O *lôcus* empírico consiste no Programa de Extensão Pro-Técnico do CEFET-MG, onde serão realizadas análises das trajetórias, projetos de vida, motivações e expectativas dos seus alunos e egressos em relação ao futuro profissional, objetivando compreender em que medida este Programa tem contribuído para a formação integral de jovens em situação de vulnerabilidade social, para além da preparação para o vestibular dos cursos técnicos ofertados no CEFET-MG. Neste artigo apresenta-se sucintamente o perfil do Pró-Técnico e aponta-se autores que desenvolvem conceitos relacionados a jovens em situação de vulnerabilidade social e projetos de vida em relação a Educação Profissional, fazendo-se nas considerações finais uma breve reflexão acerca da importância que esses grupos juvenis conferem à profissionalização e ao trabalho.

Palavras-chave: Educação Profissional, Juventudes em vulnerabilidade social, Pro-Técnico.

1 Pesquisa realizada com recursos do CNPq.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a educação profissional iniciou-se como uma política assistencialista que procurava amparar os desvalidos da sorte, disciplinar, moralizar e regenerar pelo trabalho as classes pobres, por meio do aprendizado de um ofício e de outros valores para a sua socialização. Dentro dessas perspectivas jovens em situação de vulnerabilidades sociais vislumbram no ensino técnico uma forma de qualificação para sua inserção no mercado de trabalho, porém, frequentar o ensino técnico público de nível médio também faz parte dos objetivos da classe mais abastada, que vê nessa modalidade de ensino uma oportunidade de se preparar para o ensino superior.

Em meio a essa dualidade de intenções que evidencia diferenças e desigualdades entre jovens no contexto brasileiro, torna-se imprescindível analisar os inúmeros recortes que interferem nas trajetórias, projetos de vida, motivações e expectativas daqueles que almejam cursar o ensino técnico - classe, raça, gênero, etnia, região -, sobretudo, os que vivem situações de vulnerabilidades sociais diversas.

Tendo como locus o Programa de Extensão Pro-Técnico do CEFET-MG, a partir da análise das trajetórias, projetos de vida, motivações e expectativas dos seus alunos e egressos em relação ao futuro profissional, este artigo apresenta uma pesquisa em andamento, ainda incipiente, que objetiva compreender em que medida o Programa tem contribuído para a formação integral de jovens em situação de vulnerabilidade social, para além da preparação para o vestibular dos cursos técnicos ofertados no CEFET-MG.

O Curso Pro-Técnico se trata de um curso presencial, ofertado pela Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário (DEDC) do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG), que tem como característica a revisão e a complementação dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, proporcionando aos alunos uma preparação mais adequada para concorrer a uma das vagas dos cursos técnicos integrados de nível médio da instituição. Trata-se de um curso ofertado a estudantes do último ano do Ensino Fundamental de escolas públicas, interessados em cursar a Educação Profissional, que são selecionados por critério de desempenho, comprovado pela realização de um exame de seleção obrigatório, bem como por critérios socioeconômicos aplicados pela Secretaria de Políticas Estudantis (SPE). O curso possui duração de aproximadamente 09 meses e acontece no turno da tarde no Campus VI do CEFET-MG.

Podendo ser classificada como uma pesquisa exploratória, de cunho quali-quantitativo e teórico-empírico-documental, será desenvolvida por meio de consulta bibliográfica no banco de dados de teses e dissertações da CAPES; em periódicos nacionais e internacionais, em livros e nos sites oficiais, avaliando-se documentos de base legal do Programa, os projetos pedagógicos, fazendo-se levantamento nos registros acadêmicos (número de turmas, alunos, egressos etc.) e em todos os demais documentos internos da instituição pertinentes à pesquisa.

Diante desse estudo serão evidenciados os objetivos do Pro-Técnico e sua dinâmica de efetivação. Os resultados obtidos possibilitarão a elaboração de uma relação dos coordenadores, professores, alunos e egressos que serão os sujeitos da pesquisa empírica, que consistirá em aplicação de questionários e realização de entrevistas semiestruturadas. Por fim será feita a análise dos dados quantitativos e qualitativos elaborando-se uma síntese da investigação por meio de uma exposição orgânica, coerente, concisa das múltiplas determinações que explicam a problemática investigada.

Neste trabalho aqui apresentado, busca-se descrever brevemente o perfil do curso Pró-Técnico e evidenciar teoricamente conceitos referentes a jovens em situação de vulnerabilidade social e projetos de vida em relação a Educação Profissional, apontando-se autores que estudam a temática e fazendo-se uma reflexão acerca da importância que esses grupos juvenis conferem à profissionalização e ao trabalho.

PERFIL DO CURSO PRÓ-TÉCNICO

O Curso Pró-Técnico tem como característica a revisão e a complementação dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental. O seu perfil pedagógico é preparar os alunos para o exame de seleção aos Cursos Técnicos Integrados profissionalizantes oferecidos pelo CEFET-MG. Atualmente, as turmas são compostas por alunos oriundos de escolas públicas que estejam cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, com isto eles participam durante nove meses, de uma dupla jornada escolar. A carga horária no Curso é de dezesseis horas semanais, distribuídas de segunda a quinta-feira, de 13:40 às 16:40 h, com as disciplinas: Português (4h/a) e Matemática, Geografia, História, Física, Química e Biologia (2h/a). Os alunos recebem, gratuitamente, apostilas e exercícios complementares, elaborados pelos professores, confeccionados na gráfica do CEFET-MG. Durante o período letivo, são ministrados dois exames simulados para avaliar o desempenho e progresso dos alunos. O curso oferece, atualmente, 80 vagas, distribuídas em duas turmas no horário diurno.

A seleção dos candidatos para o preenchimento das vagas é realizada entre os candidatos que apresentaram o melhor desempenho em uma avaliação de Português e Matemática, dentro do perfil socioeconômico previamente avaliado e selecionado pela SPE.

Com este perfil o curso Pró-Técnico propicia ao jovem em situação de vulnerabilidade social uma maior chance de competir em condições de igualdade com aqueles alunos que têm melhores condições socioeconômicas de se prepararem adequadamente para a disputa das vagas oferecidas pela Instituição.

JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADES SOCIAIS

Para Esteves e Abramovay (2008) existem grupos juvenis que vivenciam diferentes oportunidades, facilidades e dificuldades de acordo com o meio social onde estão inseridos e esses fatores podem afetar os sujeitos em várias dimensões como o desemprego, situações de

violência, precariedade e falta de acesso a atividades esportivas, culturais, de lazer e inserção no uso ou tráfico de drogas ilícitas, que Castro e Abramovay (2006, p. 11) conceituam “como estruturas vulnerabilizantes”.

Para Perona et al (2001) a categoria de vulnerável diz respeito à deterioração das condições de vida que o indivíduo possui no presente e provocam uma situação de grande possibilidade de incertezas para o futuro diante das fragilidades que o afeta, podendo ser percebidas como níveis de precariedades e de exclusão social.

São inúmeros os recortes que interferem nas trajetórias dos jovens - classe, raça, gênero, etnia, região – e estes recortes os tornam mais incluídos ou menos excluídos, fazem suas possibilidades de acesso mais próximas ou mais distantes, suas perdas mais leves ou mais profundas (PAULILO, 2013, p. 137).

Estudos de Castro e Abramovay (2002) chegaram a constatar que jovens pertencentes a classes menos abastadas ponderam de “extrema importância conseguir um trabalho como meio de sobrevivência individual e, muitas vezes, de suas famílias, ou mesmo como forma de atingir a independência financeira necessária para se sentirem pessoas e construírem sua autoestima”.

Diante da necessidade de se conseguir um trabalho remunerado que possa reduzir condições de vulnerabilidades sociais nos cabe compreender como estruturas vulnerabilizantes podem afetar diferentemente as juventudes investigando-se como os projetos de vida podem influenciar nas expectativas de futuro em relação à educação profissional.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E PROJETOS DE VIDA JUVENIS

A Educação Profissional é concebida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) como integrante da Educação Básica, desse modo, entende-se que ela é um direito social inalienável expresso na Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Concebendo a Educação Profissional como “um processo educativo que objetiva propiciar a iniciação profissional com vistas ao desenvolvimento da autonomia dos adolescentes” e com a finalidade de cultivar “competências e habilidades básicas, específicas e de gestão”, pode-se vislumbrar nessa modalidade educativa estratégias para a construção de projetos de vida que minimizem as estruturas vulnerabilizantes enfrentadas pelos jovens (PAULILO, 2013, p. 145).

Diante das premissas legais e das vantagens dessa modalidade de ensino é importante considerar que a Educação Profissional no Brasil foi idealizada como um meio de disciplinar, moralizar e regenerar, pelo trabalho, as classes pobres. Esta educação iria proporcionar o aprendizado de um ofício aos alunos e de outros valores para a sua “socialização”. Pautada em políticas de caráter assistencialista objetivava, predominantemente, amparar os “desvalidos da sorte” (KUENZER, 2005).

Segundo Frigotto (2007), o ensino técnico sempre foi ofertado à “classe que vive do trabalho” como uma forma de qualificar para atender às demandas do modelo de produção vigente e do mundo do trabalho capitalista. Porém, Lopes (2016) evidencia que também as famílias de jovens abastados buscam no ensino técnico integrado ao ensino médio, ofertado pela Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (RFEPT), uma formação de excelência para darem continuidade aos estudos em nível superior.

Nessa perspectiva de dualidade de intenções segundo a sua clientela, majoritariamente composta por jovens entre 15 e 17 anos, é imprescindível, em um país como o Brasil, de diferenças e desigualdades tão evidentes, analisar os inúmeros recortes que interferem nas trajetórias dos jovens que almejam cursar o ensino técnico: classe, raça, gênero, etnia, região; verificar seus projetos de vida e expectativas em relação ao futuro profissional, sobretudo, aqueles que vivem em vulnerabilidades sociais diversas, “[...] que os tornam mais incluídos ou menos excluídos, fazem suas possibilidades de acesso mais próximas ou mais distantes, suas perdas mais leves ou mais profundas (PAULILO, 2013, p. 137)”.

Para Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1072) “a ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida (profissional, escolar, afetivo, etc.) em um arco temporal mais ou menos largo”, dependendo de uma série de possibilidades que cada um pode encontrar circunscrevendo suas experiências. Em estudo realizado por estes autores foi possível constatar que jovens podem concentrar as formulações de seus projetos “em torno das expectativas de escolarização articuladas com o mundo do trabalho”, ou seja, educação profissional (LEÃO, DAYRELL, REIS, 2011, p. 1075).

Em pesquisa desenvolvida por Castro e Abramovay (2002, p. 10) constatou-se que jovens de classes menos abastadas delegam “extrema importância conseguir um trabalho como meio de sobrevivência individual e, muitas vezes, de suas famílias, ou mesmo como forma de atingir a independência financeira necessária para se sentirem pessoas e construírem sua autoestima”.

Dessa forma, jovens em situação de vulnerabilidades sociais depositam expectativas positivas em relação a educação profissional e projetam nessa modalidade de ensino mecanismos de superar suas precariedades no futuro, mas deve-se atentar para o fato de que “os jovens experimentam cotidianamente múltiplas *provas* dispostas em seus campos de possibilidades” e que seus projetos de vida podem atingir o êxito ou o fracasso (OLIVEIRA, 2015, p. 28).

Há diversas formas de lidar com essa *prova*: uns a enfrentam, construindo metas para atingir seus objetivos; alguns não ultrapassam a esfera imaginária do sonho; já outros escolhem fugir, procurando não pensar na empreitada. Fatalidades, situações traumáticas vividas no cotidiano, via de regra não deixam os projetos intactos OLIVEIRA, 2015, p. 28).

Sendo assim, os projetos de vida de jovens que frequentam o Pró-Técnico perpassam os ideais de serem aprovados no processo seletivo para cursos técnicos de nível médio, entretanto, as próprias vulnerabilidades vivenciadas podem se configurar como provas que poderão interferir nesse planejamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores aqui utilizados apresentam que jovens em situação de vulnerabilidade social consideram a formação profissional e a inserção no mercado de trabalho uma forma de reduzir os fatores vulnerabilizantes que permeiam suas trajetórias, viabilizando a construção de projetos de vida para além de seus contextos sociais atuais.

A pesquisa se encontra em andamento e os resultados preliminares sugerem que o Pró-Técnico traz inúmeros impactos sociais e contribuem para a formação omnilateral de jovens em situação de vulnerabilidades sociais, agindo diretamente na formação moral, no desenvolvimento de competências comportamentais, na identidade e no pertencimento desses jovens a uma instituição educacional amplamente reconhecida.

Conclui-se assim que o Pró-Técnico vai além da mera preparação instrumental para o vestibular do Cefet contribuindo para a redução das desigualdades que perpassam as realidades sociais desses jovens.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Míriam et. al. *Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

BRASIL. Presidência da República. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 15/04/2019.

_____. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 05/06/2019.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam.. (Coordenadoras). *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*. Brasília, UNESCO, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=64654>. Acesso em 13/12/2016.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas*. VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e práticas, Junho, 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>>. Acesso em: 20/10/2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. *Educação e Sociedade*, Campinas-SP, v. 28, n. 100, p. 1129-1152, out. 2007. Número especial. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em out de 2013.

GARCIA, Frederico; COSTA, Michelle Ralil da. Conceito de vulnerabilidade e sua aplicação nos transtornos do uso de drogas. In: GARCIA, Frederico Duarte et al (Orgs.). *Vulnerabilidade e uso de drogas*. Núcleo de Pesquisa em Drogas, Vulnerabilidade e Comportamentos de Risco à Saúde Centro Regional de Referência em Drogas da UFMG – CRR-UFMG. Belo Horizonte: 3I Editora, 2016.

KUENZER, A. Exclusão incluyente e inclusão excluyente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L.; LOMBARDI, J.C. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores Associados, 2005.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. *Juventudes, projetos de vida e ensino médio*. Revista *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 13/07/2018.

LOPES, Sabrina Fernandes Pereira. *Relações de Gênero e Sexismo na Educação Profissional e Tecnológica: as Escolhas das Alunas dos Cursos Técnicos do CEFET-MG*. Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2016. Dissertação de Mestrado em Educação Tecnológica.

OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. *E depois do médio?* Expectativas de futuro de jovens com percursos escolares irregulares. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: Rio de Janeiro, 2015.

PAULILO, Maria Angela Silveira. Juventudes e políticas sociais públicas. In: JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Angela Silveira; CAPELO, Maria Regina Clivati.(Orgs.). *Juventudes, desigualdades e diversidades: estudos e pesquisas*. Londrina, 2013, pag. 133- 153. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/ppgsoc/portal/pages/arquivos/juventude%20e%20desigualdade_digital.pdf>. Acesso em 15/08/2016.

PERONA, Néida; ROCCHI, Graciela. *Vulnerabilidad y Exclusión social*. Uma propuesta metodológica para el estudio de las condiciones de vida de los hogares. Kairos. Recortes 2001: la universidad resiste! Revista de Temas Sociales – ISSN 1514-9331. Universidad Nacional de San Luis. Proyecto Culturas Juveniles. REDIB/CLASE/LATIN VER, Julio, 2001. Disponível em: < <http://www.revistakairos.org/kairos-8-indice-dossier/>>. Acesso em 10/03/2018